



Jornal

UNIVERSITÁRIO

N.º 12

RECIFE

AGOSTO

1977

ANO IX

ÓRGÃO
DA
UFPE

Oriente e Ocidente

Influências



XANGÔ É
RELIGIÃO
SEBOSA,
PRATICADA
ENTRE SANGUE,
SUOR E CANSAÇO

*Sertão
chora
e
reza*

Preço
Cr\$ 2,00

Somente a partir de novembro é que o prédio do Centro de Saúde, da Universidade Federal de Pernambuco, terá a sua fase de reconstrução iniciada, com a conclusão prevista para dezembro do próximo ano. A informação é o do sr. Arquimedes Lustosa, assessor da Pró-Reitoria de Planejamento.

A fase dos chamados "projetos definitivos", terminou no dia 10 deste mês, sob a responsabilidade de um consórcio de empresas, formado pela Engenharia e Projetos Limitados — Project —, com sede no Rio de Janeiro, e Arquitetura e Engenharia S/C — HAS —, sediada em São Paulo.

ASSESSORAMENTO — Para a elaboração dos "projetos definitivos", estas empresas recebem o assessoramento direto da Carneiro Monteiro Ltda. — Cmel —, que está sediada em São Paulo. Também trabalham na supervisão e fiscalização dos trabalhos, técnicos especializados em programação de saúde e organização hospitalar da Universidade Federal de Pernambuco.

O sr. Arquimedes Lustosa explicou que foi constituída uma comissão auxiliar, formada por representantes de cada área de saúde, para que acompanhe os trabalhos técnicos das outras equipes.

ARQUITETURA E INSTALAÇÕES — Até agora só foi concluído o projeto de arquitetura e se encontra em fase de conclusão o projeto de instalações. Este último compreende: hidrosanitárias, abastecimento de destilação de água quente e fria; coleta, tratamento e disposição de esgotos sanitários; coleta, dragagem e encaminhamento de água pluvial; sistema de telefones; elevadores e instalações especiais.

O atual prédio do Centro de Saúde, que teve o

seu projeto aprovado há mais de 30 anos e sua construção interrompida três vezes, sofrerá um novo zoneamento ou distribuição de áreas de forma mais harmônica e de acordo com a nova filosofia do ensino universitário no Brasil.

O edital de concorrência para a reconstrução do prédio foi publicado este mês, pela Pró-Reitoria de Planejamento, de acordo com a informação do assessor Arquimedes Lustosa. O trabalho custará a Universidade Federal de Pernambuco 190 milhões de cruzeiros.

CAMPUS UNIVERSITÁRIO

Como todo o complexo urbano, também o Campus Universitário — que congrega milhares de estudantes em constantes movimentos — precisa de reformas e modificações que possibilitem o bem-estar de todos.

Por esta razão, e em virtude do desgaste de várias áreas no Campus, a Pró-Reitoria de Planejamento remeteu ao Programa de Extensão e Melhoria do Ensino Superior — Pemesu —, órgão do Ministério da Educação, um Estudo Preliminar dos Aces-

sos Urbanos no Campus Universitário.

AS OBRAS — O Estudo prevê a conclusão do viaduto em frente à Reitoria e das vias de acesso a ele associadas; o alargamento da rua de acesso ao Centro de Ciências Sociais Aplicadas, situada entre o Departamento de Química e o Cine, prolongamento da via existente em frente ao Centro de Tecnologia, até atingir a Avenida Arthur de Sá, acesso ao Centro de Tecnologia pela Avenida Acadêmico Hélio Ramos.

Foram também previstos estacionamentos com 612

vagas para o Centro de Ciências Sociais Aplicadas; com 408 vagas para o Centro de Ciências Exatas e da Natureza; com 208 vagas para o Centro de Artes e Comunicação; e com 166 vagas para o Centro de Ciências da Saúde, bem como abrigos nas paradas de ônibus e uma pequena ponte sobre o Riacho Cavouco.

REFORMAS — O Estudo da Pró-Reitoria de Planejamento, que prevê uma despesa de Cr\$ 54.159 mil, compreende não só o acesso urbano externo, mas também os internos a eles

vinculados, porque todos estão integrados num só sistema vital para as condições de trabalho da Universidade, já com uma população de quase vinte mil pessoas.

Os acessos urbanos externos, anteriormente satisfatórios através da BR-101, foram, desde 1975, inteiramente perturbados com os trabalhos iniciados e interrompidos nessa rodovia pelo Departamento Nacional de Estradas de Rodagem — DNER —, constituindo-se em verdadeiro obstáculo àqueles que trabalham na Cidade Universitária.



Americanos conhecem cultura brasileira

Os vinte e cinco Professores norte-americanos que vieram ao Brasil, sob os auspícios do Comitê Pernambuco-Georgia, dos Companheiros das Américas, ficaram conhecendo de uma maneira geral a cultura do povo brasileiro, desde aspectos étnicos, sociais, econômicos, históricos e educacionais.

Durante um mês que permaneceram no Recife, reuniram-se diariamente com Professores da Uni-

versidade Federal de Pernambuco, especialistas nos diversos saberes, auscultando informações gerais e pontos de vista pessoais acerca da cultura brasileira nas suas manifestações diversificadas.

INÍCIO

O início dos contatos dos Professores americanos, em Pernambuco, deu-se com uma palestra do Reitor Paulo Maciel, da UFPE,



que fez amplo relato sobre o sistema educacional do nosso País, mormente o universitário.

Os visitantes integram o Programa "Fulbright-Hays", cujo objetivo é o estudo das culturas de todo o mundo, através desses contatos e de intercâmbios específicos. O grupo era composto de especialistas em Sociologia, Educação, Comunicação, Psicologia, Economia, Artes, História, Geografia. Teve a coordenação

do Professor Parke Renshaw, do West Georgia, College, que serviu de intérprete para os seus colegas.

Após cumprirem parte do programa em Pernambuco, seguiram para Salvador (5 dias), Rio de Janeiro (9 dias) e São Paulo (uma semana), com idêntico objetivo. Após ouvirem conferências, seminários e informações diversas, sobre a cultura brasileira, os norte-americanos forne-

ceram também informações e seus pontos de vista pessoais acerca da cultura e do sistema educacional do seu país.

A relação nominal dos visitantes norte-americanos:

Jarrett Parke Renshaw
Helio Gimenez
Paul D King
Edwin H. Flynn
A. M. Atkins
Engenia Comer
William Easterling
Madaline P. Boney

Ferinez Phelps
Donald A. Cope
Patricia Ann Spano
Donald L. Grant
Aubry J. Womack
Mauricio Domingues
Judy Myers
William M. Gabard
F. Lamar Pearson
Daniel B. Good
Ondee Ravan
C. Bruce Fitch
Frank M. Smith
Lenise Latch Mason
John Clahoun Upchurch
Robert Parke Ulmer
Madelyn Chennault



Reitor	Paulo Frederico do Rego Maciel
Vice-Reitor	Geraldo Lafayette Bezerra
Pró-Reitor Comunitário	Sebastião Barreto Campello
Pró-Reitor Acadêmico	Theophilo Benedito de Vasconcellos
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação	Ruy João Marques
Pró-Reitor de Planejamento	Leonides Alves da Silva Filho
Pró-Reitor de Apoio Administrativo	Rubens de Souza
Chefe de Gabinete	Eduardo Cabral de Melo
Relações Públicas	Miguel Otávio de Melo Filho
Diretor do DEC	Marcus Accloly
Redator-chefe	Manoel Neto Teixeira
Redatores	Raimundo Carrero
.....	Angelo Monteiro
.....	José Carlos Targino
.....	Angela Delouche
Diagramador	Josias Florencio da Silva
Revisores	Paulo Neves e Moacyr Dantas
Repórter-Fotográfico	Mauricio Coutinho

Editado mensalmente pelo Departamento de Extensão Cultural (órgão da Pró-Reitoria Comunitária) e impresso nas oficinas gráficas da Editora Universitária. Livros, revistas, cartas e colaboração em geral devem ser enviados para a redação, que funciona no 2.º andar do Edifício da Reitoria, Cidade Universitária — Recife — Pernambuco.

A Extinção da Humanidade

Como espírito superdotado que o foi, capaz de vislumbrar possibilidades e situações inacessíveis ao homem comum, Wernher Von Braun, considerado um dos maiores cientistas do século, e que faleceu recentemente, deixou, além dos seus engenhos no campo dos satélites artificiais que culminaram com o lançamento do foguete Saturno-5, que levou a equipe da Apollo-11 a descer na Lua, em 1969, esta estarrecedora advertência:

“A humanidade corre o risco de extinção, se não forem tomadas providências contra a poluição, mais destruidora que todas as guerras que temos enfrentado”.

Aí está, não apenas uma advertência a mais quanto ao obscuro destino da humanidade, mas um chamamento oportuno para que o homem se conscientize dos riscos a que está exposto, e para os quais vem contribuindo na medida em que o ignora ou se omite. Não há dúvida de que a poluição já vem dizimando como uma praga universal. E na medida em que o homem investe contra a Natureza, explorando os recursos ainda existentes, sem qualquer sentido de preservação, aumentam cada vez mais os níveis de poluição comprometendo de forma irreversível a própria saúde e a dos animais em geral.

No que pesem os benefícios — se é que assim podem ser considerados — que proporcionam os produtos característicos da sociedade industrializada, com os seus sofisticados processos de transformação tecnológica, verdade é que a sociedade de consumo, na busca de formas cada vez mais fáceis e imediatas de conforto aparente, antecipa um futuro sombrio. Como se fossem poucos os riscos a que já está exposto no seu vaivém cotidiano, notadamente nos grandes complexos urbanos, o homem estende até aos mares o veneno da poluição. Está, então, comprometida, seriamente comprometida, toda a Natureza.

Díficeis são, conseqüentemente, as alternativas para uma nova postura, se não salvadora pelo menos capaz de atenuar os males. E essa possibilidade está implícita na maneira como Von Braun expressou-se (“se não forem tomadas providências contra a poluição”). Mas o que se vê, infelizmente, é o contrário. Aumentam a cada dia os níveis de poluição — da atmosfera, das águas (doces e salgadas) e do meio-ambiente. E nessa corrida suicida destaca-se o papel das indústrias, que, na sua ganância do lucro pelo lucro, característico da sociedade competitiva, têm contribuído grandemente para o agravamento do problema.

E a extinção a que se refere Von Braun não está por vir. Ao contrário, ela já se manifesta em diversas formas. A erosão nos campos, o desaparecimento de espécies marinhas, as doenças que acometem as comunidades, notadamente nos centros urbanos, tudo isso representa o processo de extinção em que está envolvida e comprometida toda a Natureza, cujo protagonista é o próprio homem. Que as palavras do sábio Von Braun ecoem em forma de convocação, para que sejam tomadas as providências a tempo, e a extinção das espécies, na Terra, passe a ser apenas uma possibilidade à mercê da consciência de cada um e de todos ao mesmo tempo.

Filosofia cria mais um órgão de estudos

O Instituto de Filosofia e Ciências Humanas vem acelerando a realização de seminários de alto valor cultural. Atitude justa e louvável. Nas palavras que dirigiu à pequena mas especializada platéia, durante o transcorrer do seminário sobre o emprego do método heurístico em pesquisa, o Professor Paulo Miranda, Diretor do IFCH, deixou claro que a ciência e a técnica, nos seus aspectos mais desumanizantes, estão contribuindo enormemente para mergulhar o mundo inteiro num caos impressionante. Urge, portanto, que se intensifiquem os estudos no campo das Ciências Humanas. E é justamente o que pensam os integrantes do Serviço de Intercâmbio Interdepartamental (SERVINTER) — órgão que patrocinou o seminário em que o matemático Waldecyr Araújo, Mestre em Psicologia Cognitiva, defendeu os princípios que poderiam ser utilizados na sistematização e utilização do método heurístico na investigação científica.

Após a palestra de Waldecyr Araújo, um faiscante debate mobilizou uma boa parte da assistência, que tinha a honra de contar com o Professor Paulo Frederico do Rego Maciel, Reitor da Universidade Federal de Pernambuco, e com alguns outros mestres, entre os quais Roberto Amorim, do Mestrado em História, e Luiz Antônio Marcuschi, do Mestrado em Letras, ambos da UFPE. Esta nossa edição transcreve, abaixo, um fragmento do trabalho apresentado pelo Waldecyr Araújo:

Suscitando problemas

“O método heurístico é um conhecimento usado pelos pesquisadores e é construído através das experiências acumuladas, reformuladas, reestruturadas, racionalizadas e comprovadas pela comunidade científica, ao longo da história do desenvolvimento da atividade de investigação. Ele possui uma estrutura que se forma e se desenvolve por um procedimento semelhante e integrado ao da construção e desenvolvimento das teorias científicas. Esta estrutura está constituída pelos princípios gerais que são utilizados na formulação de teorias e representam a síntese de grande número de experiências realizadas no decorrer da atividade científica. Apesar do método heurístico apresentar uma estreita relação com as teorias, não se confunde com as mesmas, pelo fato destas serem formadas por um aparato conceitual e por proposições consistentemente relacionadas, as quais descrevem processos e fenômenos da realidade empírica. O método heurístico se aperfeiçoa com o desenvolvimento das teorias, pois aumenta a possibilidade da formulação de novas questões e da organização das informações para obtenção de respostas. A atualização destas questões e a capacidade de organização possibilita a formulação de novos problemas, os quais resolvidos, produzirão, como consequência, a construção de novos conceitos e o enriquecimento da teoria. Sem um conhecimento prévio não se pode questionar, e, sem questionar não se pode construir teoria. Portanto, existe uma relação de dependência recíproca entre o método heurístico e teoria. A partir destas considerações é compreensível admitir que ambos possuem os seguin-

tes princípios construtivos: simplicidade, regularidade e continuidade.

A simplicidade é definida como a escolha da questão mais simples, capaz de produzir a redução do número de alternativas possíveis para a aquisição de uma informação. A simplicidade também exige que o número de questões utilizadas seja o mais reduzido possível. Assim, quando se tem duas ou mais questões para obtenção de informações sobre certa classe de fenômenos, deve-se preferir aquela que apresente uma maior abrangência e capacidade redutora.

A regularidade corresponde à organização hierárquica de questões, pois a hierarquia permite descer de questões gerais para questões específicas e compreender todo o material analisado, ou partir de questões específicas para questões gerais. Nesta condição se apoia a possibilidade de questionar as relações entre um grupo finito de processos de uma classe e generalizar as questões para o conjunto infinito de processos da mesma classe. Isto é, na regularidade se encontra a possibilidade de questionar, com uma aproximação crescente, as leis do comportamento de cada classe de processos, baseando-se no questionar de um dos intervalos finitos em que se manifesta o seu desenvolvimento.

Pelo princípio da continuidade se expressa a impossibilidade de efetuar uma divisão definitiva dentro do contínuo uniforme, que constitui todas as questões que se podem formular sobre os processos do universo. A continuidade nos permite ‘interrogar’ o desconhecido em termos de conhecido, em transformar as questões formuladas e introduzir outras diferentes, quando assim exigirem as investigações.

A formulação de questões está relacionada à maneira de integração das respostas obtidas a ambas, dependendo do modo como se organiza o conhecimento. A obtenção de informações depende da organização do pensamento. Como consequência, o uso de estratégias para o uso de informações durante o processo de questionar é baseado na estrutura propiciada pela construção de categorias equivalentes e superordenadas. O desenvolvimento das próprias estratégias depende da relevância dada pelos meios mais econômicos, mas menos direto: a busca de categorias superordenadas. Para ampliar uma estratégia é necessário ser capaz de planejar o seu trajeto de ação, pelo menos duas ou três etapas para adiante.

No processo de questionar é necessário distinguir as seguintes categorias de questões: analíticas, sintéticas e de não-trivialidade. As questões analíticas permitem identificar os elementos componentes do problema. As questões sintéticas possibilitam o relacionamento dos componentes e a implementação de um plano de ação. As questões de não-trivialidade permitem selecionar as informações relevantes das triviais.

A diversidade de modalidades que a atividade científica apresenta é uma consequência da imensa variedade dos processos objetivos e dos problemas que implica a tarefa de conhecer seus comportamentos, o que faz com que o ‘questionar’ adote diferentes formas específicas. Contudo, todas estas aplicações têm em comum certas questões”.

FOLCLORE

ANGELA DELOUCHE

"O folclore nasce, vive e se afirma nos meios rudimentares, mas está longe de se confinar nesses limites, ascende à sociedade, onde se manifesta em plenitude, ainda que diminuída sua capacidade criadora".

M. de Lourdes Borges Ribeiro

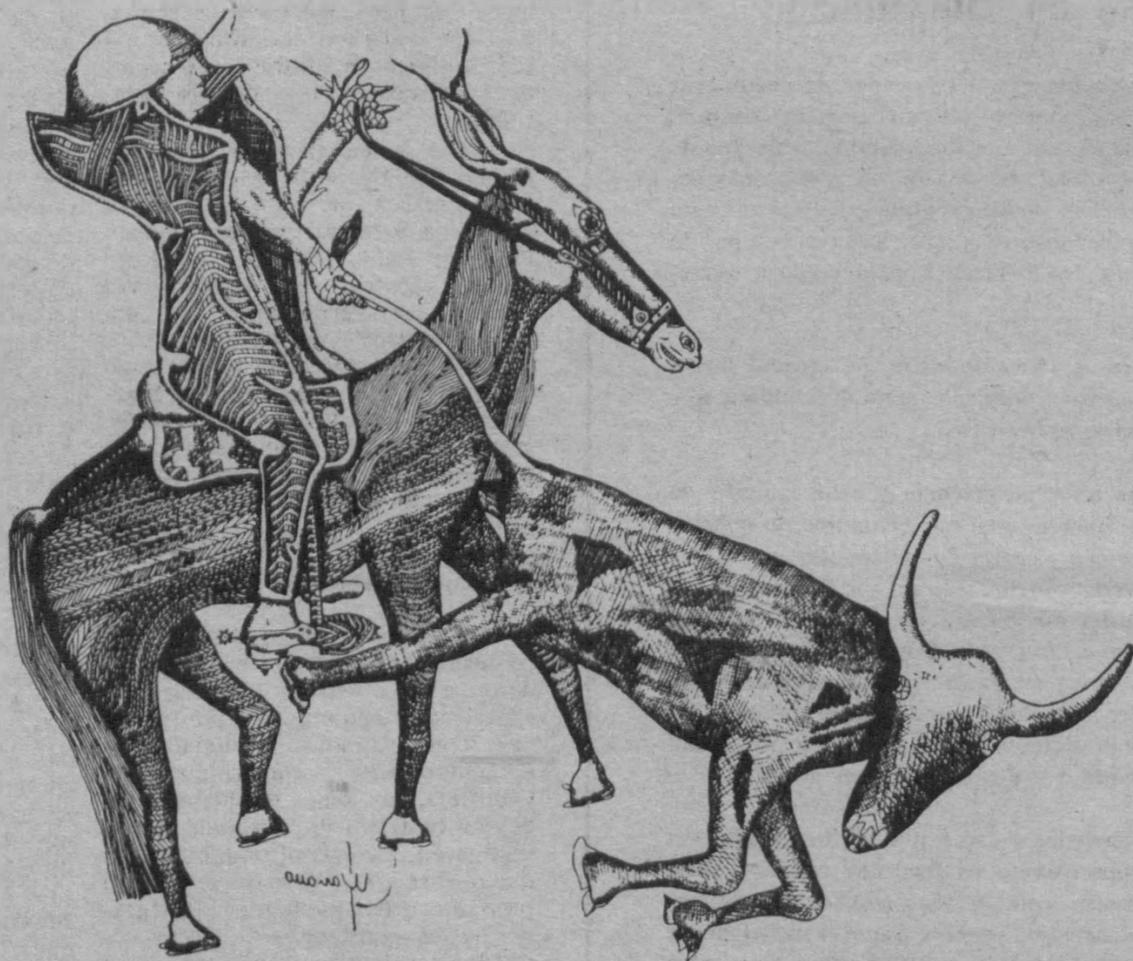
Nabuco vê
grandeza
do Folclore

O Centro de Estudos Folclóricos do Departamento de Antropologia do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais realizou, em julho último, um Curso de Especialização em Pesquisa Folclórica com a duração de 180 horas das quais 60 horas destinadas a pesquisa de campo. Foi coordenado por Mário Souto Maior e contou com a presença de Bráulio do Nascimento, Diretor Executivo da Campanha Nacional do Folclore.

Teoria do Folclore e técnica de pesquisa, cultos populares afro-indígenas, pelo antropólogo Valdemar Valente; música e danças folclóricas e Folguedos populares, pela professora Maria de Lourdes Borges Ribeiro; Literatura oral, pelo Diretor do Centro, Mário Souto Maior; artes e artesanatos folclóricos, pelo Prof. Renato Pacheco; medicina popular, por Maria Thereza Lemos de Arruda Camargo; e magia-tabus, crenças e superstições, por Raul Giovanni da Mota Lody.

O valor de um curso como este fala por si mesmo, numa linguagem bíblica diria que a seara é grande e poucos são os trabalhadores. Realmente, como salientamos em comentário anterior nosso folclore é riquíssimo e poucos são os estudos sérios feitos até agora. Temos muita coisa pesquisada ou simplesmente arrolada dos fins do século passado e do primeiro quarto do século atual. Contudo, saltam aos olhos as transformações sofridas em todos os setores da cultura "folk". Seja na dança, seja na música, quer no artesanato, quer na literatura oral. O frevo, por exemplo, tem apresentado aspectos totalmente novos. Os caboclinhos, incluindo moças feitas, posto que, antigamente só dançavam homens e meninos, também na indumentária, a simplicidade das penas cedeu lugar ao luxo das pedrarias. Há toda uma maneira sofisticada nas índias ("donzelas em flor") em mini-saias rebrihando em pedrarias, tão bem adornadas como os concorrentes aos prêmios de fantasias dos clubes sociais da classe alta. Todas estas nuances que o leigo observa, se anotadas por especialista em pesquisa folclórica vão constituir-se material de grande importância no contexto das ciências humanas e do popular na cultura nacional.

VAQUEJADA, PARA O NORDESTINO, É FESTA MAIOR



A festa mais tradicional no ciclo do gado nordestino é a vaquejada. Outrora, nenhuma data festiva tinha as finalidades práticas da apartação, — diz o Mestre Câmara Cascudo. (1)

O boi marueiro ou o novilho atrevido são conduzidos dos campos de criação para os currais das fazendas. São escolhidas entre estas as de maiores terreiros, tendo como finalidade a apartação, isto é, a separação do gado e a derrubada acontecia em decorrência. Os bois velhos, os garrotes e as vacas — que dão nome ao folguedo e nele não tomam parte — são afastados.

Cascudo relata em cores vivas as antigas vaquejadas. Num curral, touros inquietos agitam-se. Um deles é tangido para fora, sai em disparada "como um foguetão impetuoso", um par de vaqueiros montados

em cavalos de campo acompanham em disparada o touro enfurecido. Aproximando-se do animal em disparada o vaqueiro da direita apanha-lhe a cauda, enrola-a na mão, puxando brusca e fulminantemente o animal que cai de pernas para o ar. É o minuto da puxada. O vaqueiro é delirantemente aplaudido, se há música esta rompe vibrantemente.

Câmara Cascudo enriquece sua monografia com citações diversas, entre estas a de Euclides da Cunha, que se ocupou do assunto em Os Sertões. Contudo, observa, nenhuma referência encontra na literatura colonial nos séculos XVII e XVIII a esse folguedo do ciclo do gado. A mais antiga data encontrada pelo Mestre Cascudo é de 1874. Ele diz que inutilmente procurou essa maneira de domar o boi na pecuária portuguesa, mas o que lá

se encontra é o laço e a vara-de-ferrão, elementos tradicionais e que "nem consta, em Portugal, festa em que a dignidade do touro admita a humilhação de uma queda intencional e provocada". Em Portugal a única função lúdica do boi é a tourada.

A vaquejada nordestina, hoje é um folguedo com data marcada e lugar determinado, já que não existem mais os campos individuais onde realizava-se antigamente, a apartação do gado. Parecida à nossa vaquejada vemos no Chile, no México e na Venezuela também como folguedo popular.

(1) Cascudo, Luís da Câmara — A Vaquejada Nordestina e sua Origem — Imprensa Universitária, 1966, 15 pp. Recife.

Provérbios

Chamando três vezes São Judas Tadeu, sem abrir os olhos, o carreteiro encontra o boi perdido...

Quem caminhar sete passos, contando sem tomar fôlego, daí a sete dias receberá a conta que julgava perdida.

Mulher barriguda "já nos dias", não deve assobiar ou cantar embolada: o filho sai de língua atrapalhada.

Se no dia do noivado um grilo cricrilar insistentemente no quarto da moça, é sinal certo de que o mesmo será desfeito. Para evitar-se o mal é só matar o hóspede importuno.

Enterrando-se o umbigo do recém-nascido junto ao moirão de uma porteira, em noite de lua cheia, a criança será fazendeiro rico.

Criança que morre sem batismo, vira aranha caranguejeira.

Para filho não sair aleijado a mulher deve dormir com a cabeça para os pés da cama, nos três primeiros meses de gravidez.

Quando a visita estiver se demorando muito, para que a mesma saia, imediatamente, o remédio que não falha nunca é por sal de cozinha no fogo. Dá um comichão no corpo da tal, que só vendo...

Se a criança ao nascer não chorar, a avó deve ir até a cozinha e bater no fundo de uma panela. O recém-nascido desandara no choro.

Um cipó, em forma de cruz, colocado sobre a barriga, solta os intestinos do cristão que está "entupido".

Não se deve sepultar ninguém com os braços estendidos ao longo do corpo: a pessoa vira "alma penada" e fica andando pela casa dia e noite, perseguindo os moradores.

Feitiçaria danada "pra prendê" namorado é esta: lavar os pés, somente com a mão esquerda, e depois com esta água, fazer o café e dá-lo ao candidato... O rapaz vira bobo, de tão embeicado que fica.

Se a noiva sonhar que está se casando é que a futura sogra está arrumando sujeira, para provocar o rompimento.

A moça que tiver dúvida sobre as intenções do namorado pelo qual estiver apaixonada deve atirar o gato da casa na água fria. Se este não miar é casamento garantido.

Para a viúva arranjar bom marido: fazer suas orações ajoelhada sobre as chinelas do defunto.

(1) Hélio Serejo, da Academia Matogrossense de Letras, escritor, folclorista escreveu ABUSÕES DE MATO GROSSO E OUTRAS TERRAS; (publicação n.º 33 do Centro de Estudos Folclóricos do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais).

LINGUAGEM HUMANA: UMA TESE DE MESTRE

A Tese defendida pelo Prof. Geraldo Calábria Lapenda — "Aspectos Fonéticos do Falar Nordestino" — reflete certas noções da linguagem humana, nas duas primeiras partes, com suas características e aspectos, segundo os conceitos mais modernos da Linguística, e descreve sucintamente a Fonética Geral em suas duas principais espécies: articulatória e acústica.

A terceira parte — a mais extensa — é que forma o ponto principal da Tese. Para efeito comparativo, ela se inicia com uma exposição geral da fonética do Português do Brasil e depois passa a examinar vários traços da Fonética nordestina propriamente dita, os quais se agrupariam em quatro itens: relaxamento articulatório, simplificação fonética, ampliação fonética, harmonia fonética. São apresentados exemplos colhidos dentre informantes dos mais variados, principalmente de Alagoas,

Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, entre pessoas das capitais ou das cidades do interior ou de gente do campo, ou de diferentes graus de instrução desde o universitário até o primário, ou sem instrução nenhuma.

DEDICATÓRIA

Num exemplo de afeto o reconhecimento, o autor faz uma dedicatória a sua esposa, Maria Clementina, pela colaboração (ela também é Professora de línguas), e aos filhos Ana Lúcia, Marcos José e Marcelo.

O ponto sorteado da prova didática foi o 8.º — "Fonética Acústica" —, assunto dos mais difíceis e dos menos explorados da Linguística, pois exige sobretudo conhecimentos de Física e sua adequação à Fonética: natureza e qualidades do som, vibração e ressonância, etc. Para a prova escrita foi sorteado o ponto 4.º — "Processos Morfológicos e Mudanças Fonéticas" —, cujo texto integral damos a seguir. O Prof. Lapenda demonstrou vasto e seguro conhecimento da matéria, com clareza, método e didática na exposição do assunto.

A banca examinadora foi composta pelos seguintes Professores: JOSÉ BRASILEIRO VILANOVA, titular de Língua Portuguesa da UFPE e catedrático do Instituto de Educação de Pernambuco. Primeiro e único Professor que prestou concurso de cátedra no então Instituto de Letras, atual Departamento de Letras de UFPE, vem dirigindo as pesquisas lingüísticas do projeto NURC, destinado a estabelecer a



norma culta urbana no Brasil. LUIZ ANTÔNIO MARCUSCHI, contratado pela UFPE como Professor Visitante para lecionar Lógica e Filosofia da Ciência no Curso de Mestrado do Departamento de Letras da UFPE. JOSÉ SILVIO BARRETO DE MACEDO, Professor da Universidade Federal de Alagoas, possuidor de um "curriculum vitae" dos mais ricos, além de doutor em Direito, é livre docente em Linguística. FERNANDO IÓRIO RODRIGUES, também Professor da Universidade Federal de Alagoas, é livre docente em Português pela Universidade Federal Fluminense. TARCÍSIO DE MIRANDA BURITY, Professor da Universidade Federal da Paraíba, onde já se submeteu a concurso de Livre Docente e se destaca pela sua vasta cultura, não só jurídica, mas também humanista e pedagógica, e pela sua dinâmica como Secretário de Educação daquele Estado.

Na simplicidade, gesto de grandeza

Na simplicidade e solicitude que o caracterizam, Geraldo Lapenda está incluído entre os maiores valores que integram o corpo docente da Universidade Federal de Pernambuco. Ele se destaca, na condição de poliglota, como uma das maiores autoridades brasileiras em Tupi e Guarani. Seu livro — Estrutura da Língua Iatê —, elaborado em mais de dez anos de pesquisa entre os índios fulniôs, em Aguas-Belas, é um dos mais completos da bibliografia brasileira, abrangendo um levantamento da fonética, morfologia, sintaxe e semântica dessa língua indígena.

O Professor Geraldo Lapenda, que há mais de 27 anos se dedica ao Magistério em Pernambuco, chefia atualmente o Departamento de Letras da Universidade Federal de Pernambuco, do qual é titular. Tornou-se catedrático por concurso público do antigo Ginásio Pernambucano, onde ensina há mais de 20 anos.

É formado em Letras e em Direito pela Universidade Católica de Pernambuco, tendo feito também o Curso de Filosofia no Seminário São José, do Rio de Janeiro, Curso de Aperfeiçoamento em Linguística, em Montevidéu. Na Universidade Gregoriana de Roma frequentou até o segundo ano de Teologia. Ele é natural de Nazaré da Mata, interior pernambucano.

Certamente pela sua formação religiosa, dedicou os frutos da sua Tese a Virgem Maria, a quem invoca proteção em versos elegíacos latinos (hexâmetro e pentâmetros):

"En thescos fructus auctor cunctos tibi donat/Corde, Dei Mater, offerit atque dicat. Ut summa tantum superetur cum arte periculum/Noli tunc servo, Mater, abesse tuo. Eius de sponsa neonon natisque memento: Tangeturque tuus hac prece, Mater, amor".

Processos Morfofonológicos e Mudanças Fonéticas

GERALDO C. LAPENDA

1 — Vários são os atributos da linguagem humana, que geralmente a distinguem da linguagem animal; mas é a dualidade o mais importante dentre eles. Tem a linguagem humana dupla constituição, baseada nos sons e no significado; contudo é a dupla articulação que naturalmente a caracteriza como linguagem articulada, e nenhum animal a possui. Daí definir-se a Linguística como a ciência da linguagem humana articulada, para incluir em seu objeto a linguagem animal, nem mesmo a linguagem natural, isto é, a paralinguagem ou a linguagem inarticulada.

2 — Nossa articulação se processa linearmente e de dois modos. A linearidade indica um fluir constante e contínuo em que se projeta a elocução, e para analisá-la devemos segmentá-la primeiramente em sons articulados e depois nos simples sons. Temos, então, os morfemas e os fonemas. Estes se combinam para formar, no plano fônico, as sílabas, os vocábulos, as cláusulas e as frases; aqueles, embora fonicamente sejam a combinação de fonemas, contudo têm como característica própria o significado (lexical ou gramatical).

Principalmente no plano fônico, não se pode fazer uma separação exata entre os vários elementos que compõem determinada unidade: dentro da linearidade não é possível estabelecer exatamente onde um fonema termina e quando o fonema seguinte começa; mas existe apenas um limite ideal ou abstrato. Quase o mesmo se deve dizer quanto ao significado; e, por isto, uma palavra, além da denotação, possui também conotações sem limites precisos.

3 — Já que existe uma conexão íntima entre os vários elementos de uma cadeia falada e tais elementos continuam um após o outro sem limitação precisa, é natural que, sendo eles muitas vezes de natureza diferente, haja necessidade de uma adaptação, de ordem articulatória ou física, na prolação desses elementos.

Primeiramente, se os fonemas se combinam no eixo sintagmático, as variações desses fonemas, para se acomodarem ao fonema seguinte, levam o nome de alofones, geralmente posicionais e, portanto, em distribuição complementar. Isto seria apenas objeto da Fonologia se a cadeia falada constasse apenas de fonemas. Mas, conforme já dissemos, a primeira articulação da linguagem são os morfemas, e também como articulação meramente fônica, existem as sílabas. Trata-se, então, de objeto da Morfologia, nos dois sentidos; de som e de significado. Aqui o problema de ser simplesmente fonológico para incluir-se igualmente na Morfologia, isto é, torna-se objeto da Morfofonologia, na qual o conteúdo tem predominância o plano fônico. Em princípio, as variações morfemáticas causadas pelas acomodações fonológicas têm o nome de alomorfes e aqui geralmente estão em distribuição complementar.

4 — Na Linguística moderna há uma tendência para não se parar a Morfologia da Sintaxe, porque esta se resumiria a uma combinação de morfemas de qualquer ordem, principalmente no que diz respeito aos morfemas posicionais e aos relacionais; daí a sintaxe de colocação e a de concordância e de regência, embora aqui se tenha por base a palavra.

Entre os morfemas que constituem uma palavra, dá-se o que em Linguística se chama de juntura. Dentro da palavra a juntura é interna, porque existe ainda a externa, isto é, entre duas palavras que se combinam, e, por tratar-se de variação fônica entre palavras na sentença ou na cláusula, muitos a denominam de fonética sintática.

5 — Quando se trata de sílaba aberta, isto é, acabada em

vogal, a juntura aparentemente não demonstra variação que sirva de objeto da Morfofonologia, sobretudo se a sílaba seguinte começa por consoante. Mas, mesmo na parte articulatória, sabemos que há uma assimilação parcial entre ambos os sons. Essa variação se torna maior se o encontro se faz entre duas vogais, porque causa, no mais das vezes, ditongação com variação de timbre, e também monotongação. Contudo é na sílaba fechada, isto é, acabada em som consonantal, que surgem os processos morfofonológicos mais comuns, principalmente quando há encontro de duas consoantes.

6 — Na Morfofonologia não se levam em conta as variações livres, quer no plano fônico, quer no mórfico. Todas devem, naturalmente, ser posicionais. Sempre, porém, se há de escolher uma forma básica a servir de arqui-fonema ou de arqui-morfema, quando há uma neutralização, porque, na maioria dos casos, os fonemas se neutralizam produzindo, se estão sós, o arqui-fonema e, se fazem parte de um conjunto significativo, o arqui-morfema. É assim que, por exemplo, em Português a palavra "casas" varia de pronúncia posicional (além da variação livre regional): em meu idioleto eu a pronuncio KAZAS quando em posição final, mas digo KAZAZ BONITAS e KAZAZ AMARELAS, isto é, KAZAS, KAZAZ, KAZAZ.

7 — Se bem examinadas, não são muitas as causas das variações morfofonológicas, porque quase todas têm por base o que costumamos chamar de lei do menor esforço. Realmente, na maior parte das vezes, o aparelho fonador se deixa levar pela facilidade de uma adaptação homorgânica entre dois sons: há mais facilidade quando os processos se identificam, e assim passa a haver identificação quanto à vibração das cordas vocais (isto é, surda com surda, sonora com sonora) ou quanto ao modo de articulação ou quanto a ponto articulatório.

Nessa mesma identificação talvez se baseie o princípio da analogia, pelo qual aparece, por exemplo, o chamado fonema vazio (como as vogais temáticas dos verbos portugueses) ou os fonemas de ligação, do tipo encontrado em "cafézal", "cafeteira", ou geralmente nas palavras compostas).

Finalmente, uma terceira causa poderia ser indicada em alguns casos: a prevalência da intensidade silábica. Por isto, são tão comuns nas línguas os casos de síncope e apócope de fonemas fracos quando postônicos, que sigam a uma sílaba tônica ou subtônica, como do Português "conde" oriundo de "comite" latino; e ainda hoje em palavras do tipo "Izérçu", em vez de "exército". Também a prevalência de intensidade se observa no caso de consoantes iniciais ou geminadas que, sendo surdas e portanto pronunciadas com mais tensão muscular, se conservam como surdas ao passarem do Latim para o Português, o que não se dá com as consoantes sonoras, que, dependendo de sua natureza, ora desaparecem ora se relaxam: como em "aquila" transformada em "águia", ou em "vedere" que se tornou "veer" e "ver". E, para terminarmos este ponto de intensidade, podemos observar que nas sílabas átonas finais do Português os três únicos fonemas vocálicos existentes (a, i, u) normalmente se tornam "reduzidos" em sua intensidade, e também em várias línguas os fonemas consonantais finais se neutralizam, como igualmente na mesma situação, e, se neutralizou em i, e o em u, entre nós.

8 — Através dos processos morfofonológicos, podemos não só explicar situações da lingüística diacrônica, mas também as da sincrônica.

A diacronia lingüística revela as mudanças, de um espaço de tempo para outro; e por ela se explica como duas línguas conhecidas se sucedem uma à outra, e igualmente se pode partir de línguas conhecidas semelhantes para se reconstituir uma língua única de origem.

Há processos de sonorização, desnazalização ou consonantização, que são quase exclusivamente fonéticos. O mesmo não se dá quanto à crase, à vocalização, à ditongação, à palatalização, à harmonia vocálica e outros, os quais multissimas vezes são de natureza morfofonológica; o mesmo se diga daqueles metaplasmos de acréscimo ou subtração, como a prótese, a epêntese, a anapitise e a epitese, ou a aférese, a síncope e a apócope. Na maioria das vezes são de natureza morfofonológica a assimilação, e elisão e a haplogogia. Nossas gramáticas históricas são pródigas em exemplos. Para citar alguns, temos: spica espiga; comite, conde; factu, feito; bona, boa; iam, já; oculu, olho; subponere, supponere, supor; ante, antes; etc.

9 — A sincronia procura explicar a tipologia da língua em determinado período, mas não pode prescindir totalmente da diacronia, porque há variações regionais que representam o substrato de outra língua ou de outras tendências lingüísticas. É assim que existe a descrição dialetoológica e a escolha de uma norma padrão para servir de meio oficial de comunicação em determinado país ou Estado. Um exemplo pode ser a formação do plural em Português ou principalmente em Inglês ou, nesta mesma língua, a formação do passado (past tense). Vemos que o morfema para o plural em Inglês é S, ou Z, ou IZ, de acordo com a situação do fonema anterior; o passado igualmente recebe o morfema I ou D ou ID. São, pois, alomorfes que variam conforme plano fônico do morfema que os antecede.

10 — No Português, o morfema de plural S, embora regionalmente seja livre como sibilante ou palatalizado (o que não interessa à Morfofonologia), admite uma variante morfológica, de acordo com o fonema anterior. Assim temos IS para morfemas acabados em consoantes. É verdade que a explicação poderia ser outra, variando apenas o morfema anterior: não teríamos por exemplo, "mar" / MAR / ou / MAH /, e no plural "mares" / MARIS /; teríamos, sim, um morfema substantivo no singular: mar em vez de mare, e no plural apenas se acrescentaria o morfema S.

Também é morfofonológica a situação do morfema privativo, de plural, como na palavra pires.

Tanto no tipo substantivo (muito comum no Francês, na formação do gênero: "grand" / GRÂ / e "grande" / GRÂ D /) como no privativo, trata-se naturalmente de morfema zero no singular em Português.

Aqui no Brasil, temos os casos de redução, de relaxamento e de simplificação, e casos de palatalização (por exemplo, no Rio de Janeiro) ou em algumas regiões do Nordeste, como em oito, onde o t se palataliza (o j t' u) por influência da semivogal antecedente; e assim no Espanhol "ocho".

11 — A Morfofonologia, a que antes não se dava muita ênfase como parte separada da gramática, explica as mudanças fonéticas (às vezes, fonológicas) na maioria das variações de determinada língua. São variações no plano fônico, as quais atingem a Morfologia no sentido lato, isto é, a Morfo-sintaxe, que engloba a Morfologia propriamente dita, a Lexicologia e a Sintaxe; na Morfologia, o encontro dos lexemas com gramemas flexionais; na Lexicologia, dos lexemas com gramemas derivacionais, ou de dois lexemas; na Sintaxe, a combinação de palavras.



Antropólogo mostra equívocos entre Centros Espíritas e Xangôs

Em conferência no Seminário de Tropicologia, da Universidade Federal de Pernambuco, abordando o tema: "As Variedades do Espiritismo Popular na Área do Recife: Ensaio de Classificação", o Professor Roberto Motta, analisa aspectos novos do fenômeno, concluindo, por exemplo, dentre outros pontos, que: "O Xangô é bom para comer; O Xangô é bom para organizar; O Xangô é bom para pensar".

No início da sua conferência, o Professor Roberto Motta faz esta indagação: "O

que haverá de comum aos aproximadamente 1200 centros espíritas de Umbanda e Xangôs do Grande Recife? Ele mesmo responde: "Os nomes "umbanda" e "xangô" apresentam graus perigosos de equivocidade. Os centros, sabem todos os devotos e estudiosos, manifestam infundáveis variações no dogma, no culto e na organização. Talvez fosse mais exato falar das religiões mediúnicas do Recife, seguindo a linha adotada por René Ribeiro em cursos ministrados no Programa de Pós-Graduação em Antropologia, da Universidade Federal de Pernambuco. Ou, por con-

venção simplificadora, em espiritismo popular".

Depois de oferecer lúcida classificação desses ritos, demonstrando erudição das mais ricas, invocando a palavra de autores estrangeiros e brasileiros, destacando-se entre estes o ilustre René Ribeiro, o Professor Roberto Motta faz novas incursões, na seguinte parte da sua conferência, com o título: "Proteína, Pensamento e Dança: Estratégias para Novas Investigações Antropológicas sobre o Xangô do Recife". Salienta o autor:

O PROBLEMA

A maior parte dos estudos anteriores a respeito do Xangô ou do Candomblé apresenta caráter histórico e descritivo. Tal é o caso de Edlaon Carneiro (1948, 1964) Roger Bastide (1961, 1971) Melville Herskovits (1937, 1954) Donald Pierson (1945) Arthur Ramos (1940) Nina Rodrigues (1930, 1932) Waldemar Valente (1955) Pierra Verger (1957) etc. Os estudiosos adeptos dessa abordagem interessavam-se principalmente pela exata origem africana das crenças e dos ritos e em descrever os padrões de organização dos grupos de culto, sem muita preocupação com a sociedade mais vasta. As tentativas de interpretação macrosocietal possuem caráter sobretudo ocasional.

Dentro desse contexto constitui exceção a obra do Professor René Ribeiro, representada principalmente por *Cultos Afro-Brasileiros do Recife*, cujo objetivo se situa na compreensão em profundidade das funções do Xangô para o ajustamento dos devotos. René Ribeiro descreve a estrutura dos grupos de culto de modo muito baixo e detalhado, mas, fiel aos princípios da escola da "Cultura e Personalidade", ligada aos nomes de Franz Boas, Ruth Benedict, Ralph Linton e Melville Herskovits, ele acima de tudo se volta para a adaptação psicológica do povo do Xangô.

PERSPECTIVA

Mais recentemente, Seth e Ruth Leacock (1972) usaram, no estudo antropológico do Batuque de Belém do Pará, conceitos próximos aos de Julian Steward sobre ecologia cultural e evolução multilinear, dessa maneira abrindo novas perspectivas para o estudo dos cultos, em correlação com problemas de antropologia urbana e de estratificação social. Na Bahia, a obra de Vivaldo Costa Lima (1971) combinando extensas pesquisas de campo à metodologia estrutural-funcionalista, significa a introdução de abordagem que renova, por exemplo, os conceitos tradicionais de ortodoxia, nação e família-de-santo.

Minha própria abordagem consiste em pesquisa voltada menos para "origens" do que para problemas de "tipo estrutural e funcional" (Murphy 1968: 859). Em outras palavras, meu objetivo é estudar o Xangô de ponto de vista macrosocietal, considerando as funções que exerce dentro da sociedade do Recife, na qual ele concretamente existe. Depois de mais de 40 meses de trabalho de campo, as seguintes conclusões parecem impor-se, substanciadas pelos dados indicados mais adiante.

O Xangô é bom para comer. O principal ato de culto consiste na matança de animais. (Aspecto deixado em segundo plano por todos os meus antecessores.) Apresso-me em acrescentar



tar que os santos a quem as vítimas se oferecem repartem a grande maioria da carne com os devotos, principalmente com os sacerdotes, o que evidentemente tem sentido prático em área sabidamente deficiente no consumo de proteínas (C. M. E. 1976).

O Xangô é bom para organizar. Os laços pessoais, que formam a substância da organização dos cultos, implicam intensificação de solidariedade rara entre as classes baixas do Recife. O parentesco ritual do Xangô facilita correntes de troca e de reciprocidade entre os devotos e constitui motivo forte de adesão ao Xangô, pois se pode bem compreender a vantagem darwiniana que representa na luta pela sobrevivência e pelo bem-estar no contexto da cidade.

O Xangô é bom para pensar. Sua teologia representa vasto processo de classificação de gente, atitudes, comportamentos, situações e coisas segundo certas matrizes sobrenaturais. Esta religião desempenha portanto o papel de um grande mapa social, tão acentuado pelos clássicos estudos de Durkheim, principalmente por *As Formas Elementares da Vida Religiosa* (Durkheim 1925).

A importância social do pensamento no Xangô ultrapassa essa primeira etapa de clas-

sificação. Principalmente no sincretismo entre os orixás africanos e os santos europeus, impõe-se abordagem em termos dialéticos, pois a representação religiosa ao mesmo tempo oculta e revela a lógica da contradição vivida pelo povo do Recife, que participa de sociedade cujas contradições são resolvidas a nível religioso, pelo uso concomitante de símbolos católicos e de símbolos pagãos, em relação mútua de caráter metafórico (Jakobson 1963).

Adotando a noção de dialética, acima de tudo baseei-me em Robert Murphy: "O ritual e o sagrado... mediatizam a contradição entre a norma e a ação e tentam superar a alienação entre cada homem e os outros homens". (Murphy 1971: 243).

DESCRIÇÃO

Não existem estudos do Xangô anteriores à década de trinta deste século. Foi por influência do movimento regionalista liderado por Gilberto Freyre (Casa Grande & Senzala data de 1934 e contém muitas intuições importantes para a solução do nosso problema) que os estudiosos primeiro se voltaram para o estudo das religiões com influência africana nesta área. (Cavalcanti 1935, Fernandes 1937; toda a documentação sobre a época indicam que o Dr.

Ulysses Pernambucano destacava-se entre os primeiros estudiosos, mas sem que deixasse nenhuma obra escrita sobre o tema.)

A pesquisa da história recifense do Xangô ainda está para ser feita. Mas a tradição do povo-de-aanto, confirmada por indicações sucintas de René Ribeiro (1952: 34-35) indica a existência de centros de culto, no Bairro de São José e noutras partes antigas da cidade, por volta do fim do século XIX. Alguns anos depois, em movimento provavelmente ligado ao crescimento demográfico da cidade, os principais terreiros são encontrados no vale do rio Beberibe, área onde ainda hoje se encontra sua maior reserva humana e cultural (Mendonça 1975).

ORIGEM

Tudo indica que a saíta se originou entre pequenos comerciantes e artesãos, de origem principalmente fon e lorubá, localizados na vizinhança do Mercado de São José. Esses pequenos artesãos e comerciantes, voltados para clientela de caráter concreto e pessoal, formavam, e até certo ponto ainda formam, a espinha dorsal dos cultos. O caráter concreto e direto de sua vida econômica condiz com o caráter concreto e direto da devoção e da organização dos grupos do Xangô.

A teologia do Xangô articula-se fundamentalmente em torno da crença em certas entidades sobrenaturais, orixás ou santos, que são os donos da cabeça (donos do ori) de cada pessoa e que estabelecem um relacionamento diádico com os seus devotos. Esses santos gostam muito de comportar-se feito os membros das classes altas tradicionais. Se forem bem alimentados, contribuirão com seu patrocínio e assistência nas várias circunstâncias em que se fizerem necessários.

Funcionam também como matrizes para a classificação de pessoas, que inatamente pertencem a cada um deles. O comportamento dos indivíduos se explica de acordo com o caráter do seu santo e assim a teologia do Xangô proporciona diretrizes psicológicas de grande alcance prático. As matrizes sagradas também angulam situações e acontecimentos. No Recife, usam-se principalmente seis santos nesse amplo processo de classificação: Ogum, Oxum, Iamanjá, Xangô, Iansã e Oxalá.

Mas dois outros santos merecem referência específica. Exu, entendido feito mensageiro e servo de todos os demais, porém com seu próprio apetite e enorme capacidade para fazer diábruras se não for bem tratado, e Orumilá-Ilá, o senhor do jogo divinatório, que desempenha o papel de superintendente geral e mestre de cerimônias.

Quando Curt Meier Clason chegou ao Brasil, há um mês e poucos dias atrás, amigos seus lhe disseram que muita coisa havia mudado. A gíria, por exemplo. Diante de semelhante contingência, mais se acendeu o entusiasmo de Curt Meier Clason — um alemão que, entre outras provas de amor ao Brasil, vem traduzindo os mais significativos nomes da literatura do país. Meier Clason passou algum tempo dirigindo o Instituto Goethe em Portugal, retorna ao Brasil (onde, após estar

em Porto Alegre e Recife, visitará mais sete capitais) e, em seguida, partirá para a Alemanha, onde pretende reiniciar sua tarefa de tradutor.

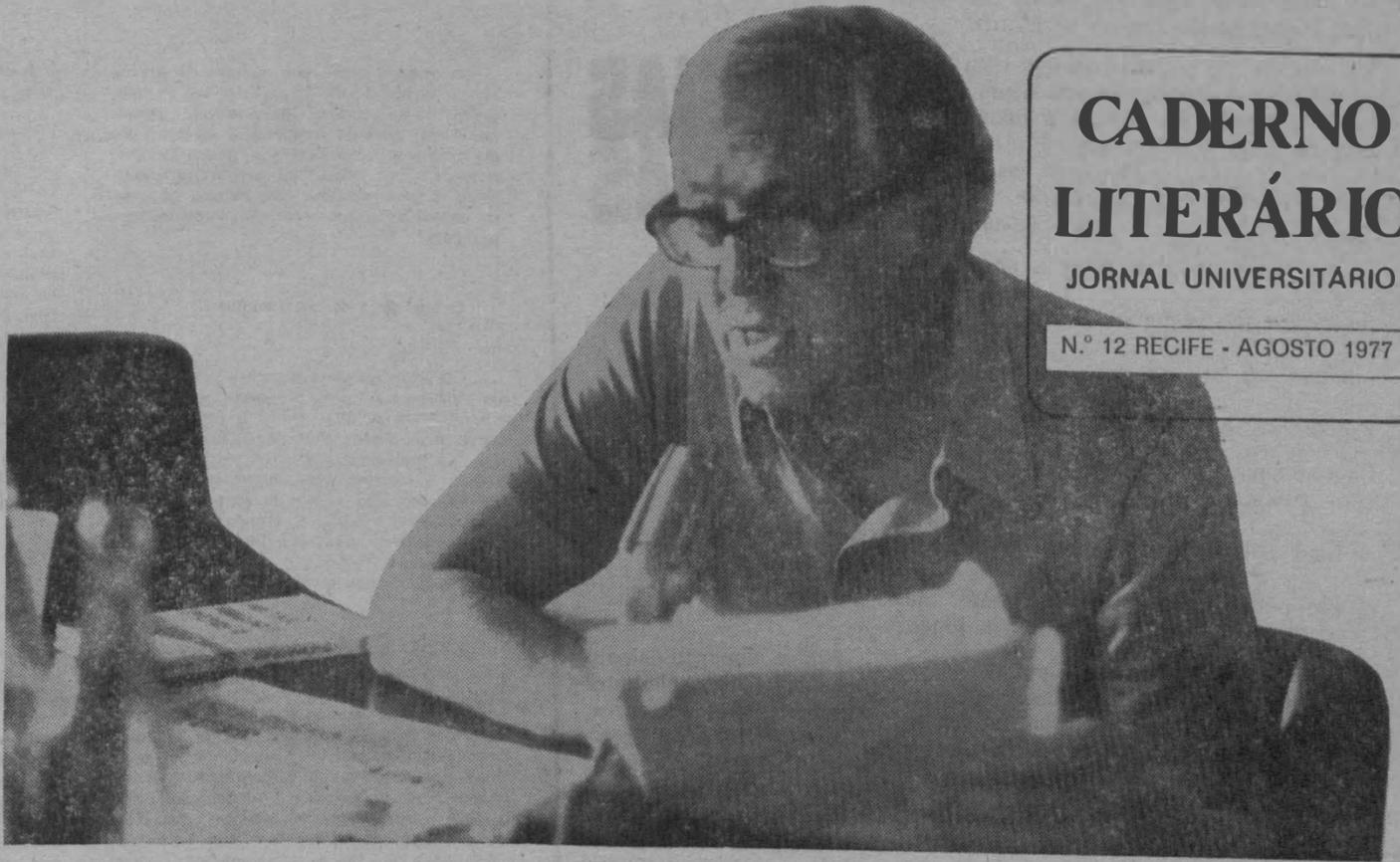
Em nosso país, no qual passará dois meses, o ilustre visitante cumprirá um estafante programa que incluirá conferências, seminários, mesas redondas e contatos com estudantes, professores e diversos escritores. "Trata-se de uma retomada com a língua e a literatura do Brasil", afirma ele. Para um homem que tem 67 anos

de idade, tal maratona constitui uma autêntica proeza. Ele tem recebido livros de muitos escritores novos e garante que lerá a todos. Na certa, pretende encomprar ainda mais a lista de nomes que tornou conhecidos na Alemanha: João Guimarães Rosa, Machado de Assis, João Cabral de Melo Neto, Manoel Bandeira, Oswald de Andrade, entre outros. Mas Meier Clason não traduz apenas autores brasileiros, como também muitos outros escritores latino-americanos, como Pablo Neruda, Juan Car-

los Onetti, Gabriel Garcia Marquez, etc.

Mas é de João Guimarães Rosa, de quem traduziu Primeiras Estórias, Corpo de Baile e o épico Grande Sertão: Veredas, que ele fala com mais entusiasmo. E fala com um português perfeito, se bem que carregado de um forte sotaque. Com Guimarães Rosa, Meier Clason trocou 55 cartas entre fevereiro de 1959 e agosto de 1967. Para ele, Rosa é o escritor mais completo do Continente.

Guimarães é
o escritor
mais completo
do continente



CADERNO LITERÁRIO

JORNAL UNIVERSITÁRIO

N.º 12 RECIFE - AGOSTO 1977

Traduzindo João Guimarães

"Uma sadia forma de intercâmbio cultural, é o que representa a presença do Professor Meier Clason entre nós. Ao traduzir magnificamente autores como Carlos Drummond de Andrade, J. Cabral de Melo Neto, Clarice Lispector, Jorge Amado e João Guimarães Rosa, Meier Clason pôs em prática o conhecido conceito de Goethe, segundo o qual os leitores de diversos países devem ter acesso às mais diversas e diferentes obras da Literatura Mundial", foi o que assegurou o Professor e poeta César Leal, do Mestrado em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, ao apresentar ao auditório do Centro de Comunicações e Artes, cujas dependências estavam inteiramente tomadas, o mestre alemão.

E disse Curt Meier Clason: "Para traduzir Rosa, surgiram dificuldades enormes, mas a chave da tradução é a leitura, ou, como o próprio Guimarães dizia, a convivência. Mesmo assim, nem as leituras repetidas evitam que certos problemas fiquem sem solução. Eu consultava amigos dele que viviam na Alemanha, mas há brasileiros, mesmo entre literatos e intelectuais, que não entendem certas ligações, certos contornos linguísticos ou semânticos. Nesses casos, enfim, eu recorria à ajuda do próprio autor. Fazia listas de consultas e ele respondia cuidadosamente, não dando o equivalente na língua alemã, mas interpretando na sua própria, como se não passasse de um dicionário monolíngue especializado na linguagem de Guimarães Rosa. Porque ele mesmo, como escritor, sabia que sempre há coisas, matizes, sons, que são inalienáveis, pertencem a uma

língua e não são transportáveis para outra".

Da fato, as dificuldades devem ter sido ingentes. Meier Clason prossegue: "O caso da palavra 'nonada', por exemplo, me fez vacilar muito e acabei traduzindo esse substantivo de três sílabas por uma frase de quatro palavras de uma sílaba cada. Mais tarde, contudo, descobri uma palavra equivalente em alemão, também de três sílabas. São falhas e frustrações que felizmente a gente pode ir melhorando a cada nova edição, porque não existe uma tradução definitiva".

Mas faz uma ressalva: "Talvez no campo da poesia, onde a forma costuma ser mais rígida, a gente chegue a uma versão que pode muito modestamente considerar definitiva. Mas, mesmo assim, a vida de uma tradução é bem mais curta que a de um original". Curt Meier Clason afirma que, se há uma língua comum, quer dizer, simples e digna de ser comunicada, não estamos longe de semelhante língua quando deparamos com Rosa. Diz ele: "Rosa não busca a realidade dentro da língua, mas sim, através da língua. João Guimarães Rosa desejava fazer da língua e do homem uma coisa só".

O Professor Clason assegura que seria impossível tratar, numa simples conferência, de um problema tão vasto como o são a tradução e a língua roslana. "Tradução e língua, em João Guimarães Rosa, são problemas perturbadores, envolventes, semoventes. Sempre penso, ao traduzir Guimarães Rosa, num possível leitor ideal do romancista brasileiro. Ou seja, naquele leitor capaz de entender, de maneira sen-

ível, o sentido oculto de cada palavra roslana, o real sentido dos seus romances e novelas".

Ele lembra um conselho do romancista guatemalteco Miguel Angel Asturias. Para Asturias, "um tradutor de escritores latino-americanos deve ter uma mentalidade poética, deve traduzir euforicamente, e com uma boa compreensão desta realidade viva e sempre em expansão, que é a América Latina". Interpelado a respeito das diferenças entre a literatura brasileira e o restante da latino-americana, o Professor Meier afirmou: "Dentro da literatura brasileira, há escritores urbanos e outros do interior ainda com matizes feudais, há autores mais intelectuais, outros mais intuitivos. É uma literatura muito rica, diversíssima. E a literatura latino-americana, para mim, só existe como conceito. Eu diria que existem literaturas hispano-americanas, não existe o mínimo parentesco, por exemplo, entre Garcia Marquez e Jorge Luiz Borges. Então fica difícil estabelecer diferenças sem entrar em muitos detalhes".

João Guimarães Rosa tinha o máximo interesse em traduções literárias. Principalmente quando se tratava de uma obra de sua autoria. É o Professor Meier que diz: "Guimarães Rosa me aconselhava a propósito da tradução de sua própria obra. Escrevia-me cartas sobre o sentido oculto, apenas aparentemente vago, de certas palavras. Dizia-me que, por desconfiar de si mesmo, fazia e refazia centenas de páginas. Conheço poucos escritores que tenham se interessado tanto pelo problema da tradução, da transplantação de palavras de um original para outro". E recor-

da que, num colóquio patrocinado pela revista Humboldt, Rosa chegou a sugerir uma fundação, financiada pelo Estado, para cuidar de semelhante problema.

Meier Clason fala com entusiasmo da incrível capacidade roslana de brincar com a palavra, transformá-la num absoluto juguete de suas intenções criadoras. E acrescenta: "Rosa dizia que confiava no meu gosto e competência, pois reconhecia que era difícil, embora não impossível, verter para qualquer língua o que ele escrevera".

Ninguém esperava o boom

Curt Meier Clason explica como se deu a explosão da literatura latino-americana na Europa: "Boom é um termo comercial e pressupõe a existência de uma procura. Em matéria de literatura não pode haver uma procura determinada — ela é sempre potencial, íntima, indeterminada. O leitor consciente sempre espera mais, novas revelações, surpresas. Mas, na realidade, ninguém na Europa esperava por um boom, isto é, por uma oferta grande de livros deste continente".

E atribui ao francês Callols a descoberta dos escritores latino-americanos: "Foi a partir de Roger Callols que os europeus tomaram conhecimento de tais escritores. Ao voltar para a Europa, regressando da Argentina (onde viveu muitos anos), o francês Callols decidiu revelar a seus compatriotas Jorge Luis Borges, que havia descoberto. Aí formou-se uma cadeia que despertou a curiosidade dos editores alemães, que apenas seguiram as trilhas abertas pelo movimento editorial da França. Começou então uma procura através de pessoas

que tivessem vivido na América Latina. Mas era uma coisa fortuita, uma indicação aqui, outra ali, porque não havia uma procura sistemática".

Para ele, influiu de maneira decisiva a boa vontade dos editores europeus, também muito preocupados em ganhar dinheiro, é claro: "O editor de livros é um comerciante e quer ganhar dinheiro. Por isso escreve para os jornais, faz folhetins e propaganda anunciando a literatura latina com palavras-chaves, como trópico, exótico, misterioso, mágico. Foi isso que criou o ambiente de boom, mas um ambiente artificial que não corresponde nem à procura nem à oferta. Mas, de qualquer maneira, em comparação à literatura francesa e de língua inglesa, a penetração da latina é muitíssimo reduzida".

Novidades

Curt Meier Clason diz que, "ultimamente, surgiram nomes novos (na Alemanha) através de antologias de contos, mas esses ainda não são conhecidos como donos de obras formadas". Esses "novos", apontados por Clason, são Néllida Piñon, Rubem Fonseca e João Antônio. E também Osman Lins. Deste último, conhecido na Alemanha só através de alguns contos, os alemães conhecem agora o romance Avalovara. Mas o tradutor Curt Meier Clason diz que Avalovara é um livro difícil, digno do leitor sofisticado que lê João Guimarães Rosa. E, concluindo, afirma que os autores brasileiros que mais vendem na Alemanha são Érico Veríssimo e Jorge Amado — que, por sinal, são os que também mais vendem no Brasil.

Luiz Delgado e a Poesia de uma Cidade

Sendo o primeiro volume da "Coleção Olinense", "Semana Santa em Olinda", de Luiz Delgado, traz-nos de volta a grande figura do extinto, que tão fortemente se nutria no apego à terra natal, como em sua funda convicção religiosa, conforme salienta seu filho, José Luiz Delgado em sua apresentação do livro, o qual se trata de uma verdadeira evocação poética e mística dessa cidade centenária.

Luiz Delgado, mais conhecido em vida como crítico e ensaísta, mostrava-se, entretanto, dotado de fôlego poético apreciável, como demonstra nos belos versos desse livro, reunidos e apresentados pelo seu filho, numa belíssima edição, sob os auspícios da Prefeitura de Olinda.

Escolhemos fragmentos do poema inaugural, sob o título "Domingo de Ramos na Matriz":

De repente, os sinos irrompem e bradam.
O atropelo dos sinos invade o universo
numa presença inesperada e poderosa.
É a chegada dos homens. É a alegria, o
[tumulto das marchas
com que abrimos caminho e, jubilosos,
[avançamos.

Cantai, sinos, cantai. Sois a nossa obra
[mais pura,
no bronze que as nossas técnicas fundiram
[e modelaram,
nas bênçãos que a nossa piedade aprendeu
[com os Patriarcas
a espalhar sobre os campos e as casas.

Cantai, sinos, cantai. Que fariamos nós,
com a nossa pequena estatura e a nossa
[humilde força,
se não pudéssemos plantar no chão as
[torres que suportam os sinos
e não pudéssemos soltar no vento suas
[vozes que nos levam longe?

Outras invenções nossas correm no ar,
[mas escondidas e secretas,
de antena em antena, disfarça em ondas.
Vós é que sois abertos e limpos, corajosos.
Em vós é que se expande o nosso grito
cantando e abençoando os campos e casas.

Nelson Saldanha e a Identificação com o Poema

Lançamento da POOL, Editora Ltda, Pernambuco, "Poesias", de Nelson Saldanha, é, na própria simplicidade do título, um livro surpreendente. Dominando o soneto como poucos, soube tirar proveito, por outro lado, dos elementos prosaicos de que veicula sua mensagem poética podendo, para além do aproveitamento técnico das soluções escolhidas, oferecer aos seus leitores, numa curiosa mescla de ceticismo e apego sentimental às raízes, uma mensagem lancinante e patética e permeada de um quente desejo de retorno a algo assim como a pureza perdida ou às fontes ainda não totalmente extintas da vitalidade humana.

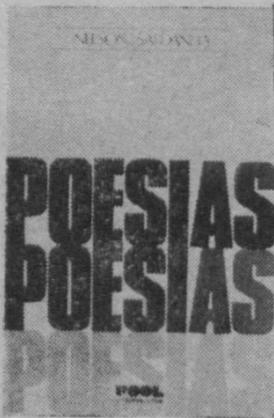
O livro apresenta, entre os poemas mais significativos, "O Enxadrista", "Eu Peço Paz" e "Teoria da Solidão", ao nosso ver um dos poemas mais importantes escritos em sua geração. Mas sem esquecer seus admiráveis sonetos decididos escolher, para dar uma idéia do seu processo poético, um dos seus brilhantes improvisos, que traz justamente como título "Poema Improvisado"

Ainda não é este o louco amanhecer
Tonto de luz nascente e de cores infantis,
Ébrio do que será, e das flores constantes,
e de ramagens que ainda estão para nascer

Ainda não é este. Este porém nos leva
Para mais perto dele, e o presságio, e nada
Como pensar que após a noite interminada
Algum perfume novo irromperá da treva

Nem canção inconclusa, ou tarde mutilada,
Nem tilintar de sinos vagos e distantes
Mentem. disto virão os sonhos navegantes,
Sonhos de primavera e madrugada

Sonhos como ramagens: folhas e resinas,
Como raízes. sombra e força interior.
Como flores: mistério, pólen, concha, cor,
Perfume de ilusão, desafiando as narinas.



Sobre o Canto Primeiro

Numa despreziosa edição, naturalmente custeada pela autora, o "Canto Primeiro", Estephânia Nogueira, vem mostrar que, apesar da forte tendência da civilização para inutilizar as reservas ainda existentes de sentimento humano, ainda não passado pelo crivo da estandardização, ainda se pode ouvir cantos tocados pela velha chama sentimental, como é o caso do livro dessa poetiza, do qual escolhemos, pela significação, o seguinte poema:

Maturação

Nos velhos barris
apura-se
o
vinho;

nos campos sem fim
aloiara-se
o
grão.

O vinho enriquece
no ventre
da
terra;

o grão em farinha
desmancha-se
em
breve.

Recolhe as espigas
douradas
ao
sol,

mas deixa que o vinho
macio
se
faça.

Galvez: bebidas e velhos princípios

CLÁUDIO AGUIAR

A primeira idéia que se tem da Amazônia, é como se ela fosse uma região indefinida, indepassável, impenetrável, porque grandiosa, atraído cientistas e curiosos das mais diferentes tendências e origens. Essa imagem se apresenta como um universo complexo e desconhecido. Até mesmo no campo geográfico a Amazônia não passa de uma incógnita.

O que dizer de sua literatura?

Os primeiros passos para a compreensão da Amazônia — seu desenvolvimento cultural, artístico, político, social e econômico — parecem se alinhar agora às páginas do folhetim "Galvez, Imperador do Acre", de Márcio Souza. A primeira vista um romance simples e engraçado, não só porque se propõe a ser uma história charmosa, erótica, irônica, no final representa uma obra literária permeada de todas as variantes necessárias a uma possível visão crítico-histórica da Amazônia.

A vida de Dom Luiz Galvez Rodrigues Aria, uma espécie de mistura de Dom Quixote com Cândido (difícil a união desses espíritos, sobretudo porque eles defluem de Cervantes e Voltaire), contada, ácida e humoristicamente, por Márcio Souza, redundará num libelo severo para com a civilização que se abateu sobre a Amazônia. Abater parece-me a ação verbal adequada, pois os inúmeros painéis traçados e pintados pelo autor de "As Falias do Latex" não significam outra coisa. A gama de interesse (alguns confessáveis, outros não), defendidos por Galvez, representam uma aventura dos homens que para ali se dirigiam movidos pela riqueza da borracha, fator que influenciou também o êxodo de levas de milhares de nordestinos àquelas paragens, advindo daí, as páginas imortais de Euclides da Cunha, ensaísta de grande fôlego, criador de depoimento definitivo sobre a avaliação do fenômeno emigratório dentro do próprio Brasil, embora que num estilo rigoroso e, às vezes, extremamente derramado, Márcio Souza, longe do ensaio, penetrou, crua e satiricamente, em quase todos os meandros da imensidão da vida amazônica — o telúrico, o religioso, o político, o onírico, o burlesco, o irônico, etc.

Torna-se necessário aqui, face ao sabor avizinhado do trato literário dos personagens, traçarmos alguns paralelos entre Galvez, Dom Quixote e Cândido. Verdade que se trata de uma rápida abordagem de similitudes de personagens, com derivações a outras não menos importantes, como é o caso de Blangis e Pangloss, Sancho e Trucco, Cunegundes, a bela de Cândido, e Joana, a freira encantadora de Galvez.

Em princípio, Dom Quixote, um fidalgo do Século XVI, viveu inopinadamente um ciclo de aventuras, onde a poesia e a realidade se alternavam como componentes das possibilidades de seus desejos. Galvez, ao tocar o solo americano, propôs a si mesmo abraçar a aventura, louca providência que o conduziu ao trono do Acre, passando, a partir daí, a transfigurar tudo aos seus olhos. Dom Quixote, pensando pelas idéias de Cervantes, defendeu a liberdade como aspiração suprema do homem, talvez se distanciando, neste particular, de Galvez, que queria ver os homens livres, desde que a coroa, as mulheres e os bons vinhos não lhe faltassem. A Corte seria uma festa eterna instaurada por Galvez, o Imperador, como tributo à vi-

tória alcançada, elemento que salta como forte ironia do livro de Márcio Souza.

A ala dos conselheiros ou dos puxa-sacos, por sua vez, via de regra, é mais nociva do que a dos acácios de várias gerações. Aqueles crescem e dominam de uma maneira assustadora e inibem o direito que tem o chefe de sonhar. Este já não sonha, tem pesadelos. Sancho dá o exemplo, chegando ao ponto de pensar como Dom Quixote, embevecido pelas peripécias do seu amo. Será que os extremos se chocam? Galvez, de maneira irresponsável, viaja por Belém, Manaus e Puerto Alonso, a todos conquistando ou aos incautos ludibriando. Foi, sem dúvida, um Cândido dos trópicos. Ambos, quem sabe, gritariam a seus exércitos de seguidores ou admiradores: "Viver é nascer". E deles o verdadeiro Quixote autor desta máxima riria até o dia amanhecer.

A Amazônia, pela própria opulência de sua fauna e flora, ainda é uma espécie de corredor estreito. Não se pode penetrar com facilidade para os lados. A sua evolução é lenta dirigida para objetivos ditados por forças exógenas. Até a candura, o amor, a fé e outras manifestações da fortaleza humana, sucumbem ineficientes e falidas, estropiadas, por exemplo, quando a freira Joana, luxuriante como a própria floresta amazônica, deixa-se imolar sexualmente pelo conquistador aventureiro, futuro Imperador Galvez. Desde, então, tem-se a certeza de que todos os pilares da moral ruíram. Não nos bastam os códigos da ética e da moral. Curiosamente, aliás, Cunegundes, a bela de Cândido, sofre a mesma dor amorosa e com ele corre o mundo das provações. Até dos selvagens ambas são salvas de serem comidas. Claro que no caso de Galvez, Márcio Souza teve a coragem de intervir como narrador do episódio e pôr em dúvida a veracidade do depoimento do aventureiro, quebrando, assim, o caráter fantástico tão deglutido pelos brasileiros.

Alie-se à circunstância que, tanto Galvez como Cândido, eram aventureiros preocupados com o Eldorado, a fácil riqueza nossa. A borracha também é ouro. De Galvez e seus seguidores sobressaem as coruscantes movimentações de falsa ajuda aos nativos e, como consequência, se delinea todo um processo de colonização às avessas. Veja-se Pangloss, tipo conformista e amorfo, que diante de um terremoto de trágicos eventos consegue ver tudo com absoluta normalidade, chegando a afirmar para Cândido, o herói de Voltaire, em plena Lisboa: "Este terremoto não é uma coisa nova." Trucco, velho leitor de Anatole France, por certo não serviu, sequer, às ações de vaidade de mando do Imperador Galvez, porque mesmo subjugado e recolhido à redoma das humilhações, com ares de homem tranquilo, ameaçava as babas das iras de Galvez, o Imperador, resmungando o triste epílogo dos títeres.

Os paralelos aqui expostos, são apenas tentativas de se mostrar que Márcio Souza recorreu à estrutura da narração folhetinesca (tão a gosto dos escritores medievais, não como única instância) adicionando-lhe lúcida denúncia contra aqueles que agrihoam direitos e acumulam riquezas para facilmente viverem o amor, o poder ou a guerra, mesmo que sempre dispensem a sabedoria e abracem muitas bebidas e velhos princípios. São, portanto, naipes de um quadro que se desenha ao longo do tempo e absurdamente ainda cintila no Brasil.

Alunos expõem no Centro de Artes

— O lugar é apertado mas o que queremos é mostrar à Universidade, o que os nossos alunos são capazes de fazer. (Professora Marluce Queirós da Cunha, do Curso Livre de Artes da Universidade Federal de Pernambuco).

— Aceitamos expor em qualquer galeria da cidade, desde que surjam os convites. Também queremos vender os nossos trabalhos. (Nilsino Nogueira, aluno-concluinte do Curso de Artes).

As opiniões emitidas pela Professora e pelo concluinte, foram emitidas na inauguração da exposição de 150 trabalhos dos alunos do Curso Livre de Artes, da Universidade Federal de Pernambuco, no primeiro andar do prédio do Centro de Artes.

Segundo Marluce Queirós, era

necessário que a exposição fosse realizada para que todos os universitários pudessem sentir a importância e a grandeza do trabalho que vem sendo desenvolvido no Curso, com os alunos recebendo todas as condições de aprendizado.

Este esforço do Professorado é testemunhado pelo estudante Nilsino Nogueira, que após três anos de estafantes estudos, se sente recompensado por tudo o que pôde apreender e pelo que está apto a produzir.

VÁRIAS TENDÊNCIAS — A exposição não teve preocupação com harmonia. Isto é, a direção do curso não quis apresentar apenas os melhores trabalhos e somente aqueles que revelassem uma tendência ou até uma escola.

Nada disso. Todos os alunos

tiveram oportunidade de apresentar todos os seus trabalhos, mesmo aqueles que não revelavam

toda pujança criadora. Por isso, quem visitou a exposição, pôde ver, de uma só vez, várias ten-



dências e escolas da escultura e da cerâmica. Disse Marluce:

— Reunimos tudo para mostrar-mos a força dos nossos trabalhos. Vela, por exemplo, que apresentamos obras em vidro, esmalte, etc. Ao todo, apresentamos 150 trabalhos de 18 alunos que frequentaram o curso durante três anos.

APOIO E ESFORÇO — A Professora Marluce Queirós, entretanto, faz questão de ressaltar o apoio que vem recebendo do Reitor Paulo Maciel e do Diretor do Curso de Artes da Universidade Federal de Pernambuco, Professor Zildo Caldas.

Ao lado disso, os alunos mostraram-se compreensivos com as exigências do Curso — que é extra-curricular — e desenvolveram

tudo o esforço possível no sentido de assimilar as técnicas apresentadas pela direção.

O GRANDE PÚBLICO — No entanto, expor apenas no âmbito interno da Universidade não satisfaz os alunos do Curso Livre. Como salientou Nilsino Nogueira, eles esperam, agora, que concluíram o Curso, uma oportunidade de expor em galerias particulares na cidade, de modo que possam mostrar o que foi possível aprender durante os três anos de intenso estudo.

Mesmo na exposição no prédio do Centro de Artes, os alunos já demonstravam uma preocupação com a comercialização dos seus trabalhos. Tanto é que colocaram preços em suas peças, com uma variação de Cr\$ 100,00 até Cr\$ 2.700,00.

Catalogando

BONIFÁCIO ANDRADE

EDIÇÕES DE OURO

No Brasil, como na maioria dos países, as camadas de rendas mais baixas são excluídas do processo intelectual em virtude da incapacidade de consumir; e a grande maioria dos indivíduos das camadas de rendas mais altas se afasta desse processo ao optar por outras alternativas vivenciais. Por sua vez, considerável proporção de membros das camadas de rendas intermediárias é desviada em sua formação intelectual pelos "enlatados" e "celofanados" da televisão, pelas histórias em quadrinhos importadas, pela introdução nas escolas das mídias e comportamentos compatíveis com as provas de cruzinhas, e também por outras modificações no sistema educacional, como aquelas que levaram praticamente à retirada de Filosofia do ensino médio e à redução do estudo de História e Geografia nas escolas desse nível. Em tais circunstâncias, pois, considero louváveis todas as iniciativas que estimulem a leitura (por estudantes de todos os níveis ou por pessoas que não frequentam a escola) de boas obras literárias ou de respeitáveis ensaios filosóficos ou sociais.

Por tais razões é que hoje, aqui, elogio a Editora Tecnoprint, que publica as coleções de livros reunidas sob o título geral de Edições de Ouro. No meu entender, essa editora vem prestando relevantes serviços à formação intelectual de grande número de crianças e adolescentes das camadas de rendas médias do Brasil.

Os volumes da Edições de Ouro são vendidos ao grande público através das livrarias, próprias ou não, e de outros processos, como o reembolso postal. E são introduzidos nos estabelecimentos escolares do primeiro e segundo graus de forma interessante, que é a dos clubes de leitura liderados pelos professores.

A editora divide uma elevada fração das centenas de títulos que mantém no mercado em quatro conjuntos, para a elaboração dos catálogos dos quatro clubes através dos quais ela atinge as escolas: Clube do Fantasmilha Pluft, para alunos do Jardim, primeira e segunda séries; Clubes da Baleia Bacana, para alunos da

terceira, quarta e quinta séries; Clube do Elefante Júnior, para alunos da sexta, sétima e oitava séries; e Clube do Corujão, para alunos do segundo grau. A cada dois meses, a editora remete, para os professores das respectivas séries, um bloco com novos catálogos (referentes a cerca de 30 livros) para serem distribuídos com os estudantes, e mais um catálogo especial para cada professor, com informações adicionais sobre os livros. Os alunos, após combinarem com os respectivos pais, entregam ao professor a sua ficha-pedido preenchida e cada professor remete à editora um formulário único, reunindo pedidos de livros de todos os seus alunos. Dessa forma, milhares de crianças brasileiras começam a ler Fernando Sabino e Maria Clara Machado quando estão na fase de alfabetização, para, no curso médio, tornarem-se leitores de Eça de Queiroz, Machado de Assis, Lima Barreto, José de Alencar, Raul Pompéia, Joaquim Nabuco, Martins Pena, Euclides da Cunha, Graçiliano Ramos, Paulo Mendes Campos, Dias Gomes, Manuel Bandeira, Carlos Heitor Cony, Shakespeare, Dostoiévski, Balzac, Maquiavel, Descartes, Voltaire, Kafka, e tantos outros autores cujos títulos aparecem no catálogo do "Clube do Corujão".

Os livros da Edições de Ouro têm características gráficas que possibilitam a venda por preços abaixo das tabelas normais da maioria das editoras. Incluem informações sobre os autores. E, quando são vendidos através dos referidos clubes, vêm acompanhados por fichas de leituras para serem preenchidas pelos alunos leitores e orientações aos professores para a verificação do aproveitamento das leituras. Tais fichas, bem como os diversos catálogos de clubes, são elaborados de acordo com o nível intelectual dos leitores.

O catálogo geral da coleção Edições de Ouro, que como já afirmel, é um conjunto de coleções, inclui também livros que não contribuem para a formação propriamente intelectual dos leitores, como aqueles sobre culinária, prendas domésticas, direção do lar, leitura de mãos, etc. E livros de má qualidade, como alguns que pretendem ensinar idiomas estran-

geiros, outros que pretendem ensinar a fazer discursos, a escrever, a fazer versos, etc., além de livros policiais e romances de outra natureza de autores que não são valorizados nos meios literários, todos esses classificados como "para adultos". Entretanto, não é aos títulos indicados neste parágrafo que me refiro quando elogio a referida editora, mas àqueles mencionados anteriormente, e que constituem a grande maioria dos livros da Edições de Ouro.

Penso o que afirmel no segundo parágrafo porque acredito que, como a editora escreveu em material distribuído com professores, os clubes vão ajudá-los "a conseguir um dos mais importantes objetivos de um professor: o de incutir nos jovens um amor duradouro à leitura e aos bons livros.

É fato comprovado que os jovens reagem com entusiasmo quando eles próprios têm liberdade de escolher aquilo que querem ler, quando podem escolher os livros por si mesmo e formar sua própria biblioteca". O que não é tudo, mas já é muito.

NOTAS

1 O Professor José Césio Regueira Costa está trabalhando intensamente no segundo número de Arquivos. 2 A Editora Vozes publicou, em maio último, a História do pensamento econômico, de E. K. Hunt e Howard J. Sherman, em tradução de Jaime Larry Benchimol. Este é o primeiro dos quatro volumes (todos serão publicados pela Vozes) que constituem um curso de economia dos dois autores, curso que "gira em torno de uma visão crítica da so-

cidade em que vivemos". Hunt e Sherman são professores da Universidade da Califórnia. Esse primeiro volume, que no original foi intitulado "Economia: uma introdução às perspectivas tradicional e radical" (Economics: An introduction to traditional and radical views), "tem como premissa básica a compreensão das relações existentes entre evolução das instituições econômicas e a ideologia subjacente a esse processo de transformação da forma pela qual o homem reflete sobre o mundo em que vive". 3 Dois trabalhos do Padre Teixeira Monteiro, professor do Departamento de História da Universidade Federal de Alagoas, foram publicados no início deste ano: A imprensa alagoana no Arquivo Pernambucano (1889-1900), editado pela Fundação Educacional de Maceló; e Prolegômenos sobre os críticos de Filosofia da História, editado pela Imprensa Universitária, da UFA. 4 Importante livro sobre a história do ensino no Brasil é Das arcadas ao bacharelismo, de Alberto Venâncio Filho, que a Editora Perspectiva publicou em comemoração ao sesquicentenário dos cursos jurídicos no País. 5 A bibliografia sobre a Independência do Brasil foi enriquecida com o livro de Luis Henrique Dias Tavares, professor de História do Brasil e diretor do Arquivo do Estado (da Bahia), recentemente lançado pela Civilização Brasileira, em convênio com o INL: A Independência do Brasil na Bahia. 6 Para quem gosta do assunto, Serviço social de grupo, de Natalio Kisnerman, foi publicado pela Vozes, em tradução de Ephraim Ferreira Alves. 7 Livro que já é um dos clássicos da Ciência Social brasileira, Messianismo e conflito social (A guerra sertaneja do Contestado 1912/1926) de Maurício Vinhas de Queiroz, foi há pouco reeditado pela Editora Ática. 8 Certamente a Paz e Terra não demorará muito a publicar o segundo volume de A luta de classes na União Soviética, de Charles Bettelheim. O primeiro volume dessa história daquele país, abrangendo o período de 1917 a 1923, foi publicado por aquela editora no ano passado, em tradução de Bolívar Costa e com revisão técnica de Sérgio Silva. O segundo volume, publicado em maio último na França pela Seuil-Maspero, refere-se ao

período de 1923 a 1930. 9 Saiu, com data de março último, o segundo número de Contexto, revista quadrimestral de Ciências Sociais, publicada pela Hucitec. 10 A Grijalbo lançou há três meses o primeiro volume de Temas, "coleção de textos de ciências humanas e Filosofia". Outros lançamentos recentes da Grijalbo são O Integralismo de Plínio Salgado, de J. Chasin; A Justiça social e a cidade, de D. Harvey; Multnacionais e sistemas de comunicação, de A. Mattelart; e O capitalismo tardio, de E. Mandel. 11 Contribuição à história das lutas operárias no Brasil, de Herminio Linhares, publicado inicialmente em 1955, foi recentemente lançado em segunda edição pela Alfa-Omega. 12 Sob o título Os militares no poder a Editora Nova Fronteira reuniu, em um volume de 680 páginas, artigos políticos que o jornalista Carlos Castelo Branco publicou no Jornal do Brasil entre 4 de abril de 1964 e 15 de março de 1967. Neste livro, portanto, é minuciosamente analisado o governo do Marechal Castelo Branco. Com esse trabalho de um dos mais lúcidos analistas políticos do País, aquela editora inicia a coleção "Brasil século XX". 13 A Crônica da Companhia de Jesus, do jesuíta seiscentista Simão de Vasconcelos, foi recentemente publicado pela Vozes, em co-edição com o INL, em dois volumes incluídos na coleção "Dimensões do Brasil". Na realidade, a obra reúne dois livros: "Notícias curiosas e necessárias das cousas do Brasil", publicado em Lisboa, em 1668; e "Crônica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil (...)", publicado em Lisboa, em 1663 e em 1865, e no Rio de Janeiro, em 1864. Em 1940 a "Crônica (...)" foi novamente publicada no Rio de Janeiro, pelo INL; e a recente edição da Vozes e INL, portanto, deve ser a quinta, e não a terceira, como é indicado na folha de rosto. É obra importantíssima para os estudiosos do passado brasileiro. 14 Vários ensaios de Luiz Pereira, sob o título geral de Capitalismo: notas teóricas, foram publicados pela Duas Cidades. 15 Walter E. Garcia organizou e a McGraw-Hill do Brasil publicou Educação brasileira contemporânea: organização e funcionamento.



DESENHO DE ANSELMO JORGE

Arte & Tempo

ANGELO MONTEIRO

Pasolini pode ser considerado, ao lado de Jorge Luís Borges, o espírito que penetrou mais fundo na tragicidade de nosso tempo. Ambos são contróvertidos. Ambos são reacionários, no sentido de reagirem à voga, e não se submetem à mediocridade do aparentemente novo, só porque é atual. Mas um é clássico — o Borges — ao passo que o outro é romântico — o Pasolini. É difícil a quem conhece o fenômeno da genialidade, aceitar o marxismo do poeta, romancista e cineasta italiano, da mesma forma que seria discutível para quem fosse um católico agudo, contentar-se com ser tridentino, fora de época, ou pós-vaticano segundo, sem perceber as dúvidas do próprio rebanho.

Pasolini, ao incorporar a crise do seu tempo, operou sobre si mesmo uma catarse que, se para Édipo terminou num incesto, para o artista culminou na morte marginal. Marginal — e não decente — como foi e continua sendo a era de crise em que ele viveu. Eu diria antes decomposição burguesa, já que não é de hoje a crise do liberalismo.

Em "Teorema" — belo no filme como belo no romance — raros puderam perceber o sentido sagrado, em seu caráter apocalíptico, que parece se evoluir do bellissimo e misterioso hóspede que como Paulo, O Apóstolo, partiu do oásis para se encaminhar para o deserto. Angelino, o carteiro, não passa de uma metáfora do anjo anunciador do Hóspede. E a família burguesa, que o recebe, é por ele inteiramente transformada, a ponto de alterar, de maneira radical, a sua vida. Porém só mesmo os liberais aceitaram a sua aparição como uma simples promessa erótica. Quando se trata de um Eros transformador, e não meramente aburguesador ou conformista, como o Eros que realiza as exigências de uma humanidade e de uma época padronizadas e satisfeitas com tal padronização. O burguês que lê Pasolini, mas que não se eleva além da sua classe e do espírito dela, perceberá apenas o adultério,

o homossexualismo, o incesto, e não uma transmutação ou um ultrapassar da conformidade burguesa e liberal já denunciada por Nietzsche.

É significativo que com a visita do Hóspede, nem sempre o transtorno foi para melhor. Num dos personagens, ir além do adultério, veio representar a confirmação de uma fé que ele não tinha; um benzer-se hipócrita como uma volta a um velho hábito. Porém, em outro, passou a significar a entrega de todos os seus bens, a renúncia, o despojamento, e não a capitulação exigida pelo

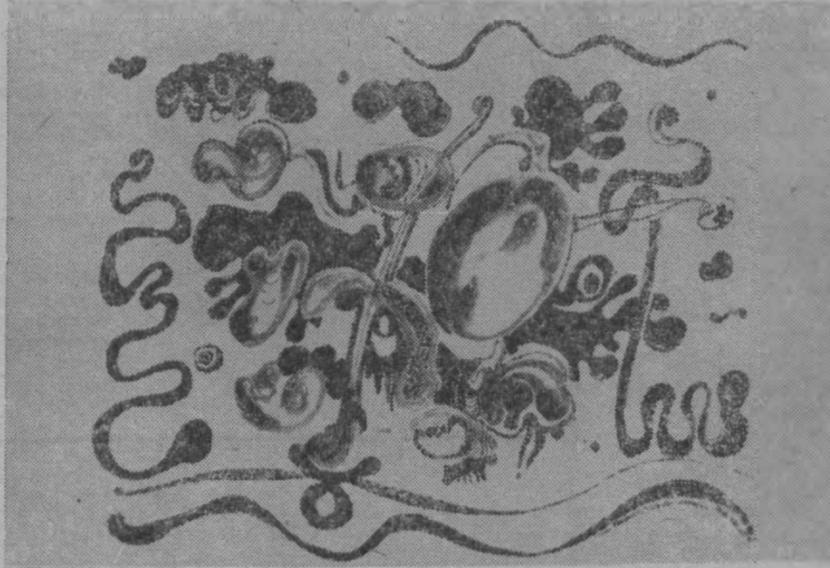
pequeno, já que só o grande é que pode exigir a medida maior. Enquanto Emilia, a criada da casa, se libera, através da Mística, "cheia, até os olhos, até a raiz dos cabelos, da sua loucura", Pedro, o filho da casa, vai ser impostor e ludibriar o mundo, depois de ludibriar a si mesmo, com os truques enganadores de sua pintura.

Pasolini sabe que "A Burguesia é lúcida e adora a razão; entretanto, por causa da própria negra consciência/ manobra para punir-se e para destruir-se". E é bem possível que as bestas marxistas

não pudessem jamais concordar com esta análise: "Somente nós burgueses sabemos ser marginais./ e os jovens extremistas, passando sobre Marx e vestindo-se/ no Mercado das Pulgas, não fazem outra coisa senão urrar/ como generais e engenheiros contra generais e engenheiros/. É uma luta entestina/. Quem na verdade morresse tuberculoso/ vestido de mujique, antes dos dezesseis anos./ seria o único talvez a ter razão/. Os outros se dilaceram entre si".

"Teorema" é, em suma, uma grande catarse desse tempo, apocalíptico, e não apenas confinada à estética de um grande livro como ele é. Nada escapa a este abrangente teorema: nem a falsa arte, nem o tagarelismo jornalístico, nem o esnobismo burguês, nem o conservadorismo medíocre, nem o revolucionarismo "literário" e estéril, como também uma proposta que possa transformar tudo isso. Como a capacidade dos que, tendo em si despertado o gênio, ou a loucura reveladora, venham realmente a atingir uma sacralidade sem sacralismos e, portanto, o Sagrado. O Adorável. O ponto de encontro com o Hóspede. Que é o de Emaús e é o de todos os tempos. Que aparece em Pasolini embaçado, tangenciado, mas promotor na ambiguidade de mistério. Ainda que assumas as feições (precisamente porque não se sabe quem é) de um esperado que alcance as nossas necessidades mais desejadas e ao mesmo tempo mais remotas. O encontro que nem mesmo se buscou: porque teve de vir, ou veio, ou virá. As aparências do Ser pouco importam. Há carência e há perda. E é na anormalidade que se pode superar o anômalo. Já que os homens estão gastos e a civilização está se esvaindo por ausência de sangue.

De tudo Pasolini dá conta. E o seu Hóspede é disponível para a loucura. E quem se negará ser por ele violado até no mais íntimo para vir a ser transformado no que se era — porque se perdeu — e no que seremos — porque nós o desejamos?



UM DESENHO DE FERNANDO GUERRA

Um inédito de Pereira da Costa

Um texto inédito de Pereira da Costa, um dos maiores folcloristas pernambucanos, sobre a implantação de uma colônia alemã em pleno território pernambucano: Santa Amélia.

"A colônia alemã de Santa Amélia, estabelecida no Catucá, foi mandada criar por Aviso do Ministério do Império de 28 de Setembro de 1829, pelo qual ficou a Presidência autorizada a dar aos colonos pequenas áreas de terras que os mesmos pudessem cultivar, mandando levantar casas para se recolherem, e assistindo-lhes por espaço de um ano com o subsídio diário de 160 réis para os homens e mulheres, e com 120 réis para os menores.

A colônia era composta de holandeses e alemães, e teve duas situações distintas: uma no lugar

Cova da Onça, à margem do rio Paratibe; e outra no Ferraz, à margem do Beberibe, mediando entre uma e outra perto de mela legua.

Em Dezembro do mesmo ano de 1829 já se achavam os colonos estabelecidos, sendo encarregado desse serviço o Major do corpo de engenheiro João Bloem.

Por Aviso do mesmo Ministério de 12 de Janeiro de 1830 foi mandado que os soldados alemães do 2.º batalhão da granadeiros então estacionado em Pernambuco, que obtivessem baixa, fossem admitidos na colônia, visto ser isto uma das condições do seu engajamento.

Esta colônia teve pouca duração, e as causas principais que concorreram para isto foram: a natureza do terreno que não se

prestava à cultura alguma, pelo que os colonos se empregaram exclusivamente no fabrico de carvão, e a falta de segurança pela vizinhança em que se achava de um quilombo de negros fugidos, que imenso os incomodavam.

Em 1835 apenas se contavam em ambas as situações 30 casas, habitadas por 12 famílias, compostas de 48 pessoas.

Relativamente as terras em que foi situada a colônia, são elas de propriedade particular, e sem dúvida cedidas para semelhante fim mediante accordo previo entre o governo e os respectivos proprietários.

Historiando os documentos comprobatórios da posse particular das referidas terras consta o seguinte:

A doação de uma data de terras em Paratibe, à margem do rio Beberibe, feita a Jeronymo de Albuquerque, por seu cunhado o primeiro Donatário de Pernambuco Duarte Coelho (seculo XVI).

Em 1555 casando Jeronymo de Albuquerque sua filha D. Anna de Albuquerque com Gonçalo Mendes Leitão, deu-lhe em conta de seu dote as terras de Paratibe, que então compreendiam toda a zona da actual freguesia de Maranguape e também as terras de Maslape.

Nessas terras fundaram-se os engenhos Paratibe de Cima, e Paratibe de Baixo.

Em 1692 o coronel Francisco Berenguer de Andrade comprou uma porção de terras em Paratibe de Cima, que iam até o riacho

Lava-Tripas, (sublinhado pelo próprio Autor) como consta de uma escriptura de venda existente no arquivo do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano.

O engenho Paratibe de Baixo com as terras da Maranguape, situadas na mesma propriedade foi vendido anteriormente áquella data ao governador João Fernandes Vieira.

Em 1716 o coronel Francisco Berenguer de Andrade fundou o vínculo de Paratibe de Cima, que comprehendia as terras Cova da Onça, Ferraz, Miruelra e outras, como consta dos respectivos autos existentes no Inst. Archeol.

Foi, pois, em terras do mencionado vínculo, (Cova da Onça e Ferraz) que se installou a colônia alemã de Santa Amélia.

Entregando-se os colonos ao fabrico do carvão, em damnificação das matas da propriedade, que derrubavam, reclamou ao governo o Major Salvador Coelho de Drummond e Albuquerque, ultimo administrador do mencionado vínculo, mas foi desatendido, e recorrendo para os tribunaes competentes nada obteve e foi ainda condemnado a pagar as custas do processo.

Pertencem, pois, as terras da extincta colônia aos herdeiros, ou parentes do referido Major Salvador Drummond, fallecido em 1 de Dezembro de 1868.

É fácil, por conseguinte, saber-se a quem pertence presentemente as mencionadas terras".

Vulnerabilidade da crítica

IVALDO CARVALHO

Dos gêneros literários — se assim pode ser considerado —, a crítica é o que menos desperta interesse popular, e o que mais se desvincula do senso prático. Esta situação pouco lisonjeira reflete uma contingência natural deste ramo da literatura.

A crítica tomada rigorosamente como "juízo", torna-se sem contestação, unilateral. Sem muito esforço pode-se argumentar este ponto vulnerável, pois existe dentro de cada um de nós uma propensão inconsciente que atua sobre o consciente, guiando-o nos atos psicofísicos. Assim não fosse, jamais se justificaria a predileção que se tem por determinado escritor, independente do tema focalizado, da nacionalidade do mesmo, ou da época em que o assunto ou acontecimento foi descrito.

Sabe-se que é possível enganar por tudo e a todos, porém ninguém jamais ludibriou seu subconsciente. Daí a incontornável inclinação por um motivo às vezes aparentemente divergente de outro, mas que, por sob os "stratus" da psique, se unem pelas raízes.

Por mais que se criem padrões de crítica, relegando a formação psicológica do escritor, nenhum

deles chegará a uma análise convincente da obra em observação, pois o âmago do conteúdo quase sempre escapa às regras até então aplicadas. A facciosidade do crítico, não por falta de critério do mesmo, mas por força da tendência congênita em admitir o que lhe agrada e de repellar o que lhe desagradar, revela-se tanto no aspecto subjetivo quanto no circunstancial. Uma outra prova está no fato de que, dos poucos figurantes no rol dos críticos literários, o que mais se destaca é aquele que geralmente demonstra melhor habilidade em palavrear. Com isso não queremos, de todo, despir a crítica da importância que deve exercer perante o público leitor. Todavia não ignoramos que seu poder substancial aperta-se nos estreitos moldes do gramaticalismo ou na ridícula exigência de que o escritor deveria expressar-se de outra forma, ou, (virando a medalha) soube dizer da melhor maneira possível.

A função da "crítica" — palavra esta que consideramos imprópria — seria a de classificar os escritos (romances, por exemplo), não quanto à escola nem quanto à qualidade artística dos mesmos, e sim, quanto ao caminho enveredado pelo autor, tendo por base os fatores psico-sociais

que o impulsionaram a tal; os personagens, a época, o cenário, apenas completam-se. Escudemos no fato de que dois ou mais escritores abordando o mesmo assunto, divergem-se logicamente — por princípio ingênito — no modo de narrar, que é inimitável em sua essência. Ora, a condição pessoal no apreciar ou no sentir, é por demais natural e varia dentro de certo grupo de leitores. Neste caso é inadequado chamar-se de "crítica" àquilo que normalmente deveria ser um meio de identificação entre quem escreve e quem lê.

Seguindo um critério científico no molde (aqui, superficialmente esboçado) mais flexível no que tange ao estado psico-emocional, a "crítica" mostrar-se-á mais livre na sua conceituação, e tornar-se-á mais completa em seu objetivo.

O que parece agradável a certo número de pessoas quanto à exposição do pensamento e à distribuição dos termos, muito naturalmente pode não ser a tantas outras, pois uma porção de condições psicológicas, forjadas paralelamente à formação da personalidade humana, influem na preferência individual, coincidente ao estado que levou o escritor a produzir sua obra. Fugindo disto, a

"crítica" pouco ou nada faz para despertar e satisfazer o interesse do leitor. Quando muito, ela serve para prevenir sobre o que parece "bom" ou "ruim" de acordo com o "interesse" do crítico.

A técnica comumente usada para análise crítica, peca ainda pelo convencionalismo da comparação e pelo desrespeito ao sentimento do escritor.

Há de se criar um método de apreciação literária através do qual o pensamento escrito (ficção, principalmente), ao invés de depreciado ou elogiado de modo meramente informativo, seja "encaminhado" ao "tipo" conveniente de leitor, após o esclarecimento das intenções expostas no trabalho. Partindo daí, talvez se possa dar dimensão mais criteriosa à "crítica", sobretudo porque a universaliza sem padronizá-la; distingue as afinidades entre os escritores veteranos e os novatos sem nivelá-los.

Apesar de tudo, não se pretende, com isto, isentar a "crítica" de suas naturais vulnerabilidades, mas tão somente procurar torná-la mais próxima de sua real finalidade.



Cobrir os assentamentos dos santos com sangue e carne, é obrigação fundamental

CRENÇA

A crença em oráculos objetivos, lato é, por meio de coisas, principalmente do jogo de dezesses búzios (dilogum) e não simplesmente através da inspiração individual, constitui outro aspecto muito importante do Xangô. Parece claro que toda essa teologia possui a maior utilidade para as pessoas pensarem-se a si próprias e à sociedade, de modo regular e ordenado.

O Xangô é uma religião parcial. Isto é, ele não pretende possuir toda a verdade religiosa capaz de existir. Em termos rigorosos, não se pode dizer que o Xangô pense em salvar a alma de ninguém. Suas preocupações referem-se exclusivamente a este mundo. A Igreja Católica é encarada como uma religião perfeitamente válida, sendo os seus ritos e crenças aceitos pelo povo-de-santo e chegando até a constituir, pelos menos no que se refere ao batismo, condição essencial para a iniciação dentro do Xangô. Cada orixá possui seu correspondente no hagiológico católico e, mais do que o dogma, é o estilo e a etiqueta que determinam o nome e o aspecto que se deve salientar em determinada ocasião.

Aí se encontra a ambiguidade fundamental do Xangô. Do mesmo modo que dentro do pégl as pedras e os ferros, que são a apresentação concreta dos orixás, estão colocadas por baixo das estátuas e imagens de santos católicos, pode-se dizer que o sincrétismo mediatiza a contradição existente entre a norma brasileira da igualdade racial e social e a realidade concreta de subordinação e alienação. O sincrétismo representa convicção aparentemente sincera, mas significa também disfarce da identidade das pessoas, pois a consciência da distância e da desigualdade acarretaria problemas que seria, na situação concreta, impossível resolver.

OS ATOS

Todos os atos de culto do Xangô podem ser resumidos sob o conceito de obrigação, que assume concretes difícilmente imaginável para as pessoas acostumadas às religiões ocidentais. O Xangô constitui religião que se pode chamar sebo, praticada entre sangue, suor e cansaço. A obrigação fundamental consiste na matança de animais (cabras, carneiros, galinhas, às vezes bois, etc.) dentro do pégl e em cobrir os assentamentos dos santos com sangue e carne. Mas desta última só parte destina-se diretamente aos orixás. O resto se distribui de acordo com o julgamento do sacerdote. Convém notar que, só as seções menos comestíveis (cabeça, cauda, patas, certas vísceras, etc.) é que pertencem exclusivamente aos santos. Geralmente depois de três dias, toda a carne não distribuída entre os devotos é despachada no mar, num rio ou na praia e a obrigação (ou a sua primeira fase) chega ao término.

A dança e transe formam apenas a supra-estrutura do culto. O último espera-se que ocorra, pelo menos em certas ocasiões, como sinal de aliança entre os santos e os homens. A dança não chega a constituir parte básica do ritual. Representa literalmente festa, um supérfluo de energia. Como tal está aberta a todos, mesmo aos não-iniciados, e encontra-se na região intermediária entre o cotidiano e o sagrado.

De acordo com o caráter ambíguo da festa, pode-se dizer, seguindo Murphy, que o estado de transe nas celebrações públicas reafirma o caráter sagrado dos devotos. "Aquele que representa o papel de um deus deve usar máscara para ocultar seus outros papéis, do mesmo modo que o ator... deve estilizar sua representação... de tal maneira que possa, em alguma ocasião futura, transformar-se numa das muitas outras

personas que se julga ele ser". (Murphy 1968: 353).

RELIGIÃO

O Xangô é uma religião sacerdotal, semelhantemente ao Judaísmo antigo e ao Catolicismo. Por outro lado, constitui seita "congregacional", e não "presbiteriana", porque cada grupo de culto representa, atual ou potencialmente, Igreja totalmente autônoma. Toda a autoridade pertence ao sacerdote (pal-de-santo, babalorixé). Somente ele pode praticar o jogo divinatório, realizar matanças e presidir às comemorações. Os devotos se relacionam com ele feitos filhos e usam a palavra "pai" para dirigirem-se e referirem-se a ele. O sacerdote, principalmente como termo de referência, faz uso recíproco da palavra "filho". O relacionamento é personalizado. Fulano não é filho de todos os sacerdotes, mas de um homem concreto. Os outros sacerdotes podem, por polidez, ser chamados, no discurso direto, de "meu tio". No discurso indireto, todos esses termos podem ser especificados pelo qualificativo "de aanto".

A prática ortodoxa requer uma mãe (mãe de santo, lalorixá) em cada casa, que, no Recife, em geral representa figura nitidamente secundária em comparação com o pai. A mãe se comporta como o representante do pai na maior parte das atividades afeitas a este último, mas não o substitui nas matanças. Seu parentesco ritual com os filhos possui caráter paralelo ao do pai, fazendo-se uso análogo da terminologia nos discursos direto e indireto. A mãe tem a atribuição especial de cuidar dos aspectos mais práticos da vida dos filhos durante os ritos de iniciação e também se encarrega de muito do aprendizado direto, transmitido nesta e noutras circunstâncias.

As casas filhas ou filiais geralmente ficam entregues à direção quotidiana das mães, sendo um mesmo pai às vezes responsável por muitas simultaneamente. Pode-se dizer que o costume recifense de haver pais e mães em relacionamento complementar apresenta aspecto funcional ao sistema de controle "político" adotado na seita. Observe-se que a organização do Xangô parece ser bastante diferente (e menos complexa) do que a do Candomblé da Bahia, tal como vem descrita por Carneiro (1948) Herskovits (1954) Bastide (1961) e Lima (1971).

TERMOS

As expressões "meu avô" e "minha avó" empregam-se no discurso direto e no indireto, mas raramente acarretam o uso das recíprocas "meu nato" e "minha neta". O uso de termos puramente horizontais, feito "irmão" e "irmã" é comparativamente raro. O laço essencial da organização do Xangô é realmente vertical e diádico, unindo o sacerdote ao devoto. Essa ligação parece representar a metáfora de dois outros relacionamentos, os quais, por sua vez, são metafóricos entre si.

Dentro do domínio ritual, o santo e o devoto relacionam-se como pai e filho. Fulano, por exemplo, é filho de Oxalá. A pergunta "de quem ele é filho?" pode ser respondida, dentro da área do culto, tanto por "ele é filho de Oxalá" como por "ele é filho de Manoel" (o pai-de-santo) e só o contexto permitirá estabelecer as distinções que ainda se fizerem necessárias.

Mas a verticalidade do relacionamento ritual também traduz o caráter vertical da relação entre patrão e dependente, descrita por Gilberto Freyre em seus estudos clássicos a respeito da sociedade brasileira (Freyre 1934, 1936, 1959) e tão frequentemente tratada por outros estudiosos da sociedade brasileira ou nordestina (Wagley 1963, Gross 1971, Leeds 1964, Galjaart 1964, etc.).

Pode-se dizer que neste, como em outros aspectos o Xangô significa a sociedade brasileira em escala reduzida. As casas de culto (terrelros) constituem empresas capitalistas nas quais pequenos empresários possuem os meios de produção (búzio, técnicas divinatórias, pégl, assentamentos de cada santo, etc.) e esperam ou exigem pagamento pelo seu uso. Isso eu chamo de apropriação da mais-valia sagrada.

Mas o comportamento intra-grupal expressa-se através da linguagem das relações de família, acarretando assim contradição entre o caráter abstrato e não prescritivo do mercado religioso, em cuja direção o sacerdócio do Xangô está efetivamente orientado, e a representação de um mundo concreto e prescritivo aceito pela consciência do devoto. A situação do Recife não é de todo sem analogia com a dos Tuareg, entre os quais o caráter estatístico do matrimônio encontra-se disfarçado na preferência expressa pelo casamento entre primos. (Murphy 1964.)

CALENDRÁRIO

Não nego a existência de modelos conscientes, ou talvez melhor inconscientes, de reciprocidade. Cada santo se poderia conceber como a matriz (ou o totem) de uma espécie de classe matrimonial, funcionando dentro de estruturas de troca generalizada (Lévi Strauss 1968). Durante o ano, muitas festas, críticas ou calêndricas, ocorrem em honra dos santos. Salvo pela ausência de costume anterior, nada impede que se use, com bastante propriedade, o conceito de "potlatch" para o entendimento dessas celebrações, que apresentam efetivamente o caráter de dom agônico. Muito da análise apresentada por Rosman e Rubel (1971) poderia adequadamente ser aplicado ao Xangô. Mas possui importância fundamental que não se perca de vista a mediação do sacerdote em todo o processo redistributivo de proteínas e de outros recursos, assim como em todas as outras formas de interação ritual.

RELACIONAMENTOS

O Xangô usa uma língua africana gerada nas entranhas da sociedade brasileira. Isto é, se o nosso interesse se dirige menos às origens do que às funções e estruturas, devemos explicar esse fenômeno intra-societal em termos da sociedade ampla em que de fato ele acontece. O Recife explica o Xangô de várias maneiras. Os seus relacionamentos políticos e econômicos estão traduzidos na organização dos grupos de culto. Taxas de desemprego inaceitáveis em áreas de maior desenvolvimento, deficiências proteicas e calóricas que se encontram na base de taxas de mortalidade das mais altas do Hemisfério Ocidental e, em geral, circunstâncias sociais concretas de alto risco e incerteza, favorecem não só o escapismo em direção a certas formas de misticismo, mas também significam pressão no sentido de que se conservem muitos aspectos "primitivos" do ritual e da estrutura dos grupos de culto. (Dados referentes ao comportamento econômico da área nos últimos anos encontram-se em Cavalcanti 1975 e C.M.E. 1976.)

As elevadas despesas que o Xangô acarreta, especialmente nos rituais de iniciação, adquirem bastante sentido ao se pensar no caráter crônico da inflação Poupanças de caráter mais ou menos ocasional, pouco elevadas para investimento, digamos, na especulação imobiliária, encaminha-se sabidamente para grupos de culto, que em troca proporcionam ao devoto certa segurança contra o desemprego e as formas extremas de deprivação.

MESA E FESTA

Quando se tiver dito e escrito tudo que se pode dizer e escrever sobre as funções do Xangô,

sobre as coisas para as quais ele serve (tarefa de muitos estudiosos, em trabalhos, teses e ensaios muito maiores do que esta) uma grande interrogação ainda ficará na mente do investigador. Há muitos modos de formulá-la. Um deles é o seguinte. Por que os que estão famintos e necessitados juntam à sua fome canto e dança e festejam em volta da mesa?

Não esqueça a advertência de Conrad Arensberg: "Tente vestir o costume em carne e sangue. Não adianta querer transformá-lo em éter. Os homens, em toda parte, têm de resolver primeiro as mesmas necessidades: devem viver, devem comer, vestir-se e abrigar-se". (Arensberg 1968: 48.)

indo ainda mais longe, gravel bem a advertência de Marvin Harris em favor da abordagem por ele descrita como "um melhor entendimento das circunstâncias práticas. ... Mesmo as crenças e comportamentos de aparências mais bizarras encontram-se em última análise fundamentadas no que se pode chamar condições, necessidades e atividades banais, ordinárias e vulgares. E por banal e vulgar entendo aquilo que se baseia em vísceras, sexo, energia, vento, chuva e outros fenômenos palpáveis e ordinários". (Harris 1975: 5.)

CARÁTER FESTIVO

No entanto encontrem fatos que vão muito além dos requerimentos de função e adaptação, de necessidades e de vísceras. Presenciei inúmeras festas e vi brilhar a alegria nos rostos dos que adoram os santos. Neaque momento todo o determinismo da simples natureza parece vencido e carregado no carro triunfal da dança e do júbilo. Termine numa espécie de negação de minhas próprias teses sobre as funções do Xangô na cidade do Recife. Existe nele muito mais do que aquilo que corresponde às estratégias do pesquisador. É a descoberta de uma identidade muito profunda, que deixa atrás raça, classe e necessidade. É um rito de renovação pelo contacto com a origem do humano, afirmando a liberdade em face da noite da necessidade e da determinação.

Tais rumos, no estudo da religião, foram seguidos por Huizinga (1971) Eliade (1949) e Duvignaud (1973) todos eles, assim como muitos outros, desenvolvendo conceitos de Schelling e Hegel. Mas com toda a consciência de que posso ser acusado de ecleticismo, não os sigo. Quero explicar todos os fatos e a melhor teoria, estou certo, não é a mala econômica no uso de conceitos, porém a que explica mais fatos. Arrisco-me a dizer que é melhor sofrer de certa tendência à inconsistência do que considerar irrelevantes aspectos fundamentais da realidade em estudo.

Se o interpreto corretamente, meu ponto de vista se encontra próximo ao de Robert Murphy (mas sem que eu lhe atribua minhas próprias inconsistências). A essência de *The Dialectics of Social Life* (1971) e a fineza de análise de *Social Distance and the Veil* (1964) prendem-se à descoberta de que na realidade social e cultural existem função e disfarce, mesa e festa.

Roberto Motta é Professor do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal de Pernambuco, coordenando atualmente o Mestrado em Antropologia.

O BOXE FRANCÊS:

Um esporte que ressuscita

Um esporte está saindo da sombra em que permaneceu por longo tempo: o boxe francês.

Não há a menor necessidade de se ir procurar em Hong-Kong uma arte do pugilato que, nestes tempos de insegurança crônica, é muitíssimo adequado ao combate sem armas. O boxe nasceu, na verdade, no início do século XIX, naqueles bairros parisienses onde a desordem era uma tradição hereditária. Progressivamente, estendeu-se para além do meio da vadiagem e goza dos favores dos militares profissionais, que dele fazem sua luta esportiva preferida.

Em suas origens, encontramos um homem, Charles Lecour, e uma técnica já experimentada, a do boxe londrino. Estamos então em 1830 e Lecour tem a idéia de combinar os golpes aplicados com os pés, dos malandros franceses, aos socos de seus correspondentes ingleses. É nessa atmosfera dos "bas-fonds" sórdidos que nasce esta nobre arte, da qual se vão apoderar os aristocratas do "Tout-Paris", com vistas a duelos épicos.

O boxe francês tinha seu inventor, faltava-lhe um campeão, encontrado na pessoa de um certo Charlement, que deu a esta arte de luta foros de nobreza. Dando mais amplitude ao sucesso obtido pelo boxe francês, Charlement manteve o que considerava ser as qualidades intrínsecas de um bom esgrimista (e não boxeador): rapidez inaudita, prontidão dos ataques e dos contra-ataques, flexibilidade e agilidade.

Mas a Primeira Guerra Mundial ia aplicar um golpe terrível no boxe francês, então em pleno progresso. A elite dirigente dos principais clubes não voltou da hecatombe. Custou muito a suprir a defecção, mas foi em vão. Durante a guerra de 1940-1945, as salas de treinamento são fechadas pelas autoridades da ocupação. Depois da libertação, não se conta mais que um punhado de apreciadores irredutíveis, que continuam a praticar entre si um esporte mais que moribundo.

Um século decorreu: a substituição dos Lecour, Charlement e Castères está assegurada. Patrick Au-



gais, demonstrador oficial da Federação Nacional de Boxe Francês, executando um "chassé".

Sob o comando do Conde Pierre de Baruzi, o último bastião dos lutadores de boxe francês resistiu durante anos, treinando sem parar, até ser, em 1965, considerado oficialmente como um esporte.

Foi o começo de uma renovação, o embrião de um sucesso que está ligado à própria natureza deste esporte pouco comum. Aliás, os lutadores preferem, geralmente, pregar através do exemplo, e não do proselitismo. Que haverá de mais intrigante e de mais convincente que uma demonstração?

Na aparência não há nada

de muito brutal nestas evoluções. No começo, pensa-se nos halés russos de Diaghilev, tanto os lutadores rivalizam em graça e em agilidade em seus movimentos. Mas, uma vez aquecidos, ouve-se perfeitamente a batida do sapato no rosto do adversário, o corpo-a-corpo violento, às vezes o estalar de ossos. Tudo se passa tão depressa que o olho

não habituado não percebe muito bem o que se passa.

Um "chassé-croisé" habilmente colocado ou um pontapé em curva, violentamente aplicado, logo projetam o adversário a alguns metros de distância. Podemos imaginar as consequências se os lutadores não usassem sapatos comuns e luvas.

No boxe francês, verdadeira esgrima dos pés e das mãos, prima, antes de tudo, a noção inteiramente técnica de concatenação. Muitas vezes em detrimento de uma utilização demasiado apressada dos "músculos". Concentração, tensão, psicologia do duelo, são outros tantos trunfos maiores para um bom lutador. Cada um dos protagonistas é obrigado a preparar, ininterruptamente, uma estratégia para seu deslocamento, a fim de ser o primeiro a atingir os pontos fracos de seu adversário: em geral o fígado e o plexo.

Não é mais uma lembrança nem uma nostalgia de avô desordeiro: o boxe francês saiu completamente do período negro, e o gosto atual pelos esportes de defesa e ataque cristaliza seu sucesso. Os franceses não são mais os únicos a querer lutar "à francesa". Um grande número de países estrangeiros mostra um certo interesse por uma prática que começa a ser conhecida. A tal ponto que a França conta organizar, em breve, campeonatos internacionais. Que melhor atestado de saúde para uma atividade esportiva que tem o mérito de aliar o domínio muscular a um melhor equilíbrio dos reflexos?

Pois, embora alguns praticantes não escondam sua propensão para o pugilato eficaz e o nocaute radical, o boxe francês continua sendo, antes de tudo, o que sempre foi: uma arte nobre.

Interiorizar, agora, não é mais sonho

Se por coincidência ou não, o fato é que os dirigentes da Federação Pernambucana de Futebol (FPF) resolveram, finalmente, ouvir os insistentes reclamos dos que vêm na interiorização do futebol profissional, a única maneira de sobrevivência do esporte-rei em nosso Estado. Dizemos coincidência porque viemos martelando, daqui, no sentido de abrir os olhos dos responsáveis pelos destinos do futebol pernambucano, para a importância dessa medida.

Ora, sendo Pernambuco um centro de destaque em toda Região quanto ao futebol profissional, considerado inclusive como o líder, o maior, etc., é, por mais paradoxal que pareça, o único Estado nordestino onde a interiorização do futebol de primeira divisão vinha sendo, inexplicavelmente, postergada. O nome do Campeonato Estadual de Futebol, dado ao nosso certame, quase não tem razão de ser, de vez que a competição desenrola-se quase exclusivamente entre os clubes da Capital. A exceção é apenas o Central de Caruaru, e, agora, a partir deste ano, a feliz inclusão do Sport

Clube daquela mesma cidade.

Como sobreviver, então, o nosso futebol, sem interiorizar-se? No nosso modo de ver, sem essa extensão, caminha irremediavelmente para o caos, a falência dos principais clubes, a desmotivação vem tomando conta cada vez mais dos torcedores. Única saída, mesmo, é a promoção à categoria de primeira divisão, de algumas cidades que já oferecem as mínimas condições, com equipes e estádios próprios, como é o caso de Bonito (O Maguari), Barreiros, Garanhuns, Petrolina, Arcoverde.

Cruzar os braços como vinha fazendo e esperar que o "caju caia na boca sem a castanha", isto é, omitindo-se como sempre se omitiu a FPF, de pelo menos discutir a viabilidade a inclusão de mais essa ou aquela equipe do interior no Campeonato de primeira divisão, alegando que este ou aquele município não tem condições, é papo furado. Sentindo, finalmente, que essa não é a melhor política, os dirigentes daquela mentora máxima do nosso futebol partiram para outra, agora trilhan-

do o caminho certo, da coerência. Contatos já vêm sendo mantidos com as autoridades e demais interessados na inclusão de suas cidades no Campeonato Estadual de Futebol, por parte dos dirigentes da FPF.

Louve-se, aqui, o exemplo do Sport Clube de Caruaru. Sem dúvida vem servindo de encorajamento para que a política de interiorização do futebol pernambucano não seja mais postergada. Agora, não há mais por que se temer tal imperativo, único caminho pelo qual o nosso futebol não mergulhará na falência.

Com certeza, pelo interesse e condições que oferecem, devem entrar Barreiros e Bonito, já no Campeonato do próximo ano. As demarches nesse sentido estão adiantadas. Pelo menos é certa a presença das representações daqueles dois municípios no próximo Torneio Incentivo, certame probatório para credenciamento definitivo ao Campeonato Estadual.

Está mais uma vez ratificada a máxima popular: "Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura..."

Os desportistas pernambucanos — mui especialmente os rubro-negros — exultaram com a notícia de que a direção do Sport Clube do Recife conseguiu empréstimo junto ao Ministério da Educação e Cultura para ampliação do Estádio da Ilha do Retiro. Sem dúvida, uma boa. Principalmente se levarmos em conta a impossibilidade de construção de um estádio às expensas do Governo estadual, e, por outro lado, a necessidade premente de melhores e maiores instalações para o sofrido torcedor pernambucano.

Insistir na tecla de que Pernambuco precisa de um estádio, é malhar em ferro frio. É fazer vistas grossas às dificuldades econômicas pro-paladas pelos vários governos. Qual então a saída, para, se não resolver totalmente pe-

Ampliação da Ilha, boa pedida

lo menos atenuar esse problema que tantos dissabores tem causado aos desportistas, mormente aos mais assíduos aos estádios de futebol? Sem maiores delongas, o caminho é esse aí vislumbrado em boa hora pelos dirigentes do Sport Clube do Recife: ampliação da capacidade dos dois melhores estádios — o da Ilha do Retiro e o Mundão do Arruda.

Oxalá não fique apenas nas notícias, seja realmente executada a obra de ampliação, quanto antes, do Estádio da Ilha. Por que de promessa está cheio até o gogó o torcedor pernambucano. Nessa arrancada deve haver a união de

esforços, posto que a obra é de interesse geral, considerando que uma praça de esportes pertence ao público, porque é para este que são construídas.

É chegada a hora de os dirigentes da Federação Pernambucana de Futebol descerem dos seus pomposos gabinetes e empunhar as armas de que dispõem em prol da iniciativa do Sport Clube do Recife, visto ser aquela mentora parte diretamente interessada na consecução de tais objetivos. E não poderia ser diferente: estádio maior, maiores rendas, consequentemente aumentará o faturamento da própria FPF. Então, obriga-se a mentora — embora não o tenha feito — a estar à frente dos entendimentos, reforçando os propósitos dos dirigentes do Leão da Praça da Bandeira, junto às autoridades federais.

CINEMA

De Arthur Penn a Orson Welles



Duelo de Gigantes, Os Últimos Machões, Josey Walles, o Fora da Lei são filmes que não mereceriam o mínimo de atenção crítica se não significassem largos sintomas de decadência de um gênero que, há duas décadas atrás, era considerado o exemplo mais vivo e dinâmico do que se fazia em termos de cinema nos Estados Unidos. De fato, não faltou quem levasse em conta a noção de que o western é (ou era) o próprio cinema norte-americano. **Shane, No tempo das Diligências, Johnny Guitar, Matar ou Morrer**, entre outros exemplos modelares, são marcos imorredouros do gênero. Que dizer, então, de filmes como os citados no início do parágrafo?

Mistificações

É difícil ser generoso com **Duelo de Gigantes**, o último trabalho de Arthur Penn mostrado no Brasil. Penn, um competente cineasta, responsável, nos inícios dos anos 60, pelo extraordinário **Um de Nós Morrerá**, cometeu um dos maiores equívocos de sua carreira. Pois **Duelo de Gigantes** não passa de um

contrasenso. E eu acredito que não tenha servido sequer para avaliar as atuais potencialidades de Marlon Brando, inegavelmente um dos mais eficientes atores americanos de todos os tempos, pois, feito um balanço, é justamente Jack Nicholson quem sai ganhando. Quando Brando aparece pela primeira vez — quase no meio do filme — temos a impressão de que a cena foi preparada exclusivamente para a eclosão do conhecido estrelismo do ator. É simplesmente grotesco — e o espectador ri. Nicholson, pelo contrário, convence pela discrição e segurança com que desempenha o seu papel — se bem que os diálogos que mantêm com a filha do rancheiro possuem um sabor nitidamente vitoriano.

Também **Os Últimos Machões** mostra a banda podre de um diretor em quem muitos depositaram demasiada confiança. Discípulo confesso de John Ford, de quem herdou a tendência para o melodramático, Andrew McLaglen consegue, neste seu trabalho, o que nenhum discípulo competente, mas

escrupuloso, de Ford conseguiria: realizar um western onde a tônica principal consiste na exacerbada violência assumida pelos personagens. O tema do delegado aposentado que, obedecendo aos imperativos de sua consciência, volta ao trabalho, foi inteiramente desperdiçado. Assim como não há, em **Os Últimos Machões**, nenhum apego aos macetes fordianos. Talvez por isso o filme seja tão ruim — pois, a acreditar que McLaglen nunca consiga ser ele mesmo, é preferível que permaneça sendo um aplicado filho espiritual do mestre. Como em **Shenandoah**, creio que o melhor filme de McLaglen, onde as lições do diretor de **A Paixão dos Fortes** parecem ter sido captadas com o máximo de sensibilidade estética.

Já **Josey Walles, o Fora da Lei** deixa uma certeza: seu diretor, o esforçado Clint Eastwood, continua confundindo os ingredientes do legítimo western americano com os clichês dos tristes italianos. Contudo, a propaganda em torno do trabalho de Eastwood foi

longe demais, pois chegou a insinuar que **Josey Walles** tem a mesma importância de **Matar ou Morrer**, o mitológico filme de Fred Zinneman. O que seria engraçado, se não fosse ridículo. No início, porém, o filme dá a impressão de que será um bom espetáculo, notadamente do ponto de vista do espectador que anseia por uma crítica mais consciente à crueldade indiscriminadamente praticada no decorrer da guerra civil americana. Mas fica só na esperança, pois o que reina é a absoluta falta de assunto. Decididamente, já não se faz mais western como antigamente.

O Macbeth de Welles na TV

A obra teatral de William Shakespeare tem sido vastamente explorada pelo cinema. Desde 1899, quando Sir Herbert Beerbohm-Tree dirigiu e interpretou uma cena de **Rei João** para uma rudimentar câmara inglesa, até os anos 70, os quais estão se notabilizando por uma acentuada decadência

cinematográfica, quase 200 filmes versaram sobre assuntos shakespereanos. O que, diga-se de passagem, apesar de ser um dado quantitativo nada desprezível, nem sempre significa que, qualitativamente, o cinema tenha se saído airoso no tratamento de obras tão complexas.

Macbeth, uma das quatro obras-primas no campo da tragédia — as outras três são **Hamlet, Othelo e Rei Lear** —, já foi levada à tela 21 vezes. Na primeira vez, em 1905, recebeu inestimável contribuição do fotógrafo norte-americano Billy Bitzer, responsável, anos depois, por prodigiosos ensaios de linguagem ao lado de D. W. Griffith. Mas apenas uma curta cena da tragédia fora filmada. Pois as mais celebradas versões cinematográficas de **Macbeth** foram levadas a cabo por Orson Welles, Akira Kurosawa e Roman Polanski.

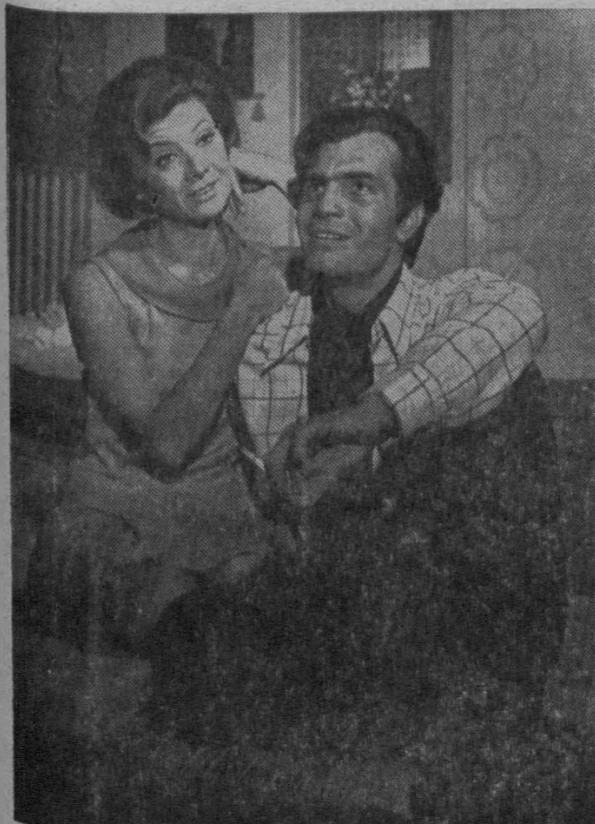
A de Welles, realizada em 1948 (três anos depois, em 51, ele faria **Othelo**), representa um vigoroso passo do poeta inglês dentro do cinema.

A de Kurosawa, de 1957, é quase um milagre de beleza e fidelidade ao texto original, se bem que aos personagens tenham sido incorporados nomes e vestuários peculiares ao Japão medieval. E, finalmente, a de Roman Polanski, que ele dirigiu em 1971, e que, apesar do sucesso de público, não foi bem recebida pela crítica especializada.

O **Macbeth** de Orson Welles resultou numa adaptação personalíssima do herói trágico shakespereano, "um **Macbeth** quase troglodita, com pesado sotaque escocês e mais pesadas roupagens de bárbaro", afirma Alex Viany. Acontece, porém, que a Escócia do tempo do infeliz tirano era realmente um país selvagem, com usos e costumes certamente muito pouco recomendáveis. Mas esta pequena lembrança do **Macbeth** de Welles foi motivada pelo fato de o filme ter sido exibido, há pouco mais de um mês, pela TV Globo, Canal 13. O que, em síntese, permitiu a reavaliação de um momento importante na trajetória fílmica do realizador de **Cidadão Kane**.

TELEVISÃO

Sai Walter Clark, entra Espelho Mágico



Tarcísio Meira e Glória Menezes, do elenco da novela "Espelho Mágico".

Como será a Rede Globo sem Walter Clark? E quem ocupará o lugar deixado pelo inquieto ex-funcionário de Roberto Marinho? São perguntas feitas por muita gente, e até agora sem respostas adequadas. A primeira, porém, pode ser respondida sem muito esforço: a Globo continuará sendo a mesma, mas agora, contida para a necessidade de não mais permitir os gastos pantagruélicos que marcaram a passagem de Walter Clark pelo seu quadro de funcionários. Segundo outros credenciados chefões da emissora, Walter Clark não passava, nos últimos dois anos, de um eficiente public-relations da Rede Globo. Não faz muito tempo, lembram alguns, e Walter Clark, achando que nada mais tinha a dar à emissora, pedira a sua demissão. Mas a demissão fora negada. Roberto Marinho, seu amigo,

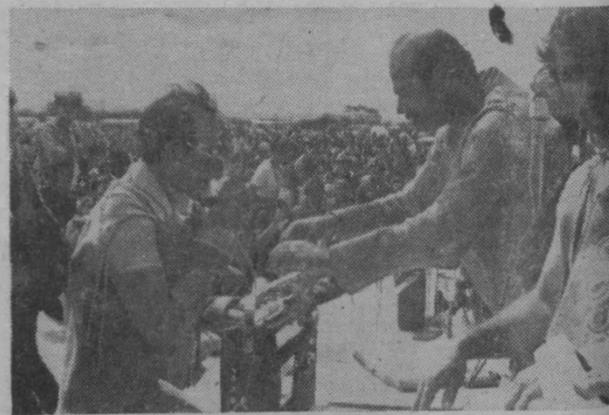
achava que não podia ficar sem o concurso do diretor.

Agora, porém, o próprio Marinho o demitiu. Os motivos são, aparentemente, tortuosos. Mas Walter Clark é que não perdeu nada com a demissão, pois pretende concretizar um dos grandes sonhos de sua vida: fazer cinema. E já começou a por mãos à obra, sempre de maneira ambiciosa, adaptando para as telas o célebre romance **Judas, O Obscuro**, do escritor Thomas Hardy. Walter Clark pode não ter talento para o cinema, mas tem dinheiro bastante para, pelo menos, produzir filmes. Pois o ex-diretor da Globo, além de ter enriquecido como o mais bem remunerado funcionário do país, arrebatou uma indenização de 30 milhões de cruzeiros.

Coincidindo com a saída de Walter Clark, a Globo lança uma novela que pretende jus-

tamente lançar alguma luz sobre os bastidores do **show-business**. No caso, atores interpretam atores. O autor, Lauro César Muniz, é um dos mais competentes autores de tele-novelas do Brasil. Mas há quem afirme que a confecção de uma novela com semelhante tema não passa de uma tentativa demasiadamente precoce. Com a palavra, Luís Fernando Veríssimo, do semanário **ISTO É**: "O **show-business** em escala industrial tem a idade da TV Globo no Brasil. É muito cedo para começar a se auto-analisar. Mal formou o seu próprio folclore e já quer revisá-lo. Os artistas da TV devem ser apresentados ao público como o fazem as revistas tipo **Amiga**, que, em vez de banalizarem os seus mitos, fazem o contrário, transformam a sua desinteressante vida privada em extensões da novela e da fantasia". É bem possível que ele tenha razão.

Missa do Vaqueiro: reza, choro, música e sermão



Talvez em nenhuma outra parte do mundo católico haja cerimônia igual. De tudo há um pouco, desde o profano, ao religioso e folclórico: festa do gado, duelo entre repentistas, esnobismo de turista, venda de artesanato, passeio a cavalo, derrubada de boi, etc. Isto durante os dois dias que antecedem o segundo domingo de julho, dia em que é celebrada a Missa do Vaqueiro, um belo espetáculo ao ar livre, na caatinga sertaneja, entremeado de religiosidade e folclore. Ouvem-se aboios, repentistas, música, choro (apenas entre os familiares do homenageado, Raimundo Jacó), sermão e outros pontos não menos atraentes, cujo objetivo é enaltecer o vaqueiro nordestino.

Quando a multidão se postava frente ao altar, para início da VII Missa do Vaqueiro, no Sítio das Lajes, pleno Sertão pernambucano, a 553 km. do Recife, mugidos nostálgicos soprados pelos fortes ventos com cheiro de relva fundiam-se com aboios improvisados, como que removendo da memória dos vaqueiros a triste cena do seu colega homenageado, Raimundo Jacó, que tombara assassinado naquele mesmo local, há 23 anos atrás, depois de dominar a rês bravia. Assasínio que ainda hoje continua envolto em mistério, para revolta da vaqueirice nordestina.

Frente a centenas de vaqueiros, sobre seus cavalos ajaezados, imbuídos do espírito de religiosidade que lhes é característico, e tendo ao redor do altar considerável multidão, num clima de misticismo, o padre-vaqueiro João Cândia, em linguagem simples e direta dava início à cerimônia com estas palavras: "A presença de Deus se faz sentir em meio à dureza deste chão causticado pelo sol abrasador, pelos desafios que a própria natureza e a história dos tempos nos fazem".

O SENTIDO

A Missa, na concepção do padre Cândia, não se resume na homenagem a Jacó. É ao mesmo tempo um chamamento à Justiça, um brado no sentido de conscientizar o vaqueiro nordestino, quanto a seus direitos de pessoa humana mas que é sempre esquecida, injustiçada, entregue à própria sorte. Com esse espírito, e tendo em vista tais objetivos, o padre-vaqueiro começou a mentalizar a comunidade que tem no trato com o gado a razão de ser do seu dia-a-dia. Escudou-se

então na figura de Jacó, para fazer ver quanto necessário a valorização do trabalho daquela gente.

A Idéia ganhou corpo e aí está mais um belo espetáculo, que bem expressa a alma sertaneja. Trata-se de uma celebração sui-generis, talvez sem similar em qualquer parte do mundo. A partir do altar, erguido na própria imensidão do espaço sertanejo, em forma de ferradura, com o padre trajando Gibão de couro e chapéu, tendo ao lado o compositor Luis Gonzaga, com sua famosa sanfona; o Quinteto Violado, que faz juntamente com Luis Gonzaga a musicalização; um vaqueiro-repentista, que interpreta o ambiente improvisando versos de aboio; uma banda de pífanos (zabumba), que empresta um colorido próprio às festas de novenas no interior nordestino. A cerimônia desenrola-se com a participação de cada um desses grupos, entremeada portanto de música, cânticos, aboios, Homília, etc. Resulta num misto de religiosidade e folclore, e pelas suas peculiaridades, é o mais belo ato de louvor ao vaqueiro nordestino, atraindo a cada ano, milhares de turistas, do Brasil e de outros países.

PAISAGEM DE COURO

Vindos de várias regiões do Nordeste, vaqueiros e boiadeiros, de perdas caatingas, de gestos rudes e palavras cheias de versos, montados a cavalo, encourados, perfilam-se frente ao altar assistindo atentamente e participando também da cerimônia. O couro transforma a paisagem em cor uniforme. Ele que é um dos fortes elementos unificadores daqueles homens simples; em quase toda a Indumentária o couro e, por extensão, o boi, é a grande figura na qual os vaqueiros firmam-se e centram suas vidas.

Embora o ato religioso, propriamente, seja celebrado no domingo, desde a sexta-feira que o público começa a participar. Mas são os vaqueiros, os puxadores-de-mourão que chegam primeiro, de vez que é a vaquejada que inicia oficialmente a festa, disputa que se desenrola na sexta e no sábado, ao cabo da qual são conferidos prêmios (taças) aos melhores colocados. Paralelamente, armam-se dezenas de baracas, à base de palha de coqueiro e mato, servindo carnes de boi, cabrito, galinha, linguças, quei-

jos, bebidas diversas, principalmente aguardente. Serviços de sons funcionam simultaneamente, mas são as músicas calpiras, gravações de aboios, toadas, repentistas que predominam.

FONTE E CONTROVÉRSIAS

Na maior parte dos gestos, mormente entre repentistas e aboladores, a fonte de inspiração é a mesma: a figura do vaqueiro Raimundo Jacó, razão de ser de toda a cerimônia. Dele, ou sobre ele, correm versos, aboios, glosas, estórias. Pelas circunstâncias em que ocorreu sua morte, virou mito da vaqueirice nordestina. Embora decorridos 23 anos, sua morte continua envolto em mistério. Diz-se, por exemplo, que ele, Raimundo Jacó, saíra, no dia 8 de julho de 1954, juntamente com o colega Miguel, à procura de uma rês famosa pelas suas astúcias animais. Na tarde desse dia Miguel voltou sozinho, sem saber informar o destino do seu companheiro. Tinha, segundo ele, perdido a pista de Jacó.

Verdade é que, dia seguinte foi encontrado o corpo de Jacó e, ao lado, o fiel cachorro, que mesmo na morte não abandonou o dono. Conta-se, ainda, com ares de suspiro, que nem tudo era paz e harmonia entre Jacó e Miguel. Contratados pelo mesmo fazendeiro, para execução de tarefas semelhantes, Jacó e Miguel alimentavam certa indiferença entre si, já que era fato conhecido que Miguel guardava o gado da patroa e Jacó o do patrão. Mas nada ficou provado da possível autoria do assassinio de Jacó, que alguns pretendiam atribuir a seu companheiro de jornada.

Jacó era primo do famoso compositor e cantor Luis Gonzaga. Razão por que, a par das circunstâncias em que ocorrera sua morte, Luis Gonzaga compôs uma música em sua homenagem. Foi o bastante para que o padre João Cândia surgisse com a Idéia de celebrar uma missa em forma de exaltação da figura de Jacó. Não teve dúvida. Procurou o "Rei do Balão", que convocou por sua vez o compositor (seu parceiro) Janduhy Finzola, e logo fizeram a parte de musicalização da cerimônia, que nos últimos anos vem contando com a participação do Quinteto Violado, além do próprio Luis Gonzaga.

ÍDOLO

DOS

VAQUEIROS

Quem nunca foi ao Sítio das Lajes, principalmente no período da Missa do Vaqueiro, está perdendo a oportunidade de conhecer uma figura que, pela sua personalidade e maneira de agir, já pode ser apontada como mais um ídolo que surge entre os vaqueiros nordestinos. E será muito fácil identificá-lo, na primeira apresentação: costuma apertar com vigor a mão das pessoas, não importa o sexo, idade nem condição social. Gesto do qual surge, infalivelmente, simpatia e fácil relacionamento social.

Essa é uma boa pista para os que não conhecem o padre-vaqueiro João Cândia. Isto porque, pela sua postura física e psicológica, será muito difícil, à primeira vista, identificá-lo como sacerdote, embora dedicado aos seus fiéis nas paróquias de Bodocó, Granito e Sítio dos Moreiras. Ele tem arroubos de arrepiar qualquer beata. Diz sem qualquer constrangimento nem medir a repercussão das suas palavras: "Nunca usei batina, porque saia é prá mulher. Cerveja eu só bebo na boca da garrafa, para não ser envenenado. Eu sou padre por vocação. Tornei-me vaqueiro por uma exigência pastoral".

Padre João Cândia fala para os repórteres da mesma maneira como fala para seus fiéis. Sem subterfúgios nem fingimentos. Ele vai ao âmago das coisas, sem assombrações, revelando muita convicção nos seus pontos de vista e afirmações. Sobre a sua condição de padre-vaqueiro, aspecto que chama atenção da maioria das pessoas, ele tem uma explicação: pura exigência pastoral. Isto é, o bom pastor não pode viver afastado do seu rebanho, sob pena de não assimilar nem sentir os seus problemas. E como tinha, de há muito, intenções de defender essa gente sofrida do campo, geralmente injustiçada e esquecida, não encontrou, melhor caminho que não tornar-se vaqueiro também.

Natural da Petrolina, conhece de perto os problemas que acometem toda aquela área do Sertão pernambucano, abrangendo Bodocó, Serrita e adjacências. A partir do seu ordenamento, em 1964, iniciou um trabalho de conscientização do vaqueiro de forma a defender os direitos e valorizar o trabalho dessa gente simples que lida diuturnamente com o gado, chuva ou faça sol. E não nega que a Idéia da Missa do Vaqueiro foi um oportuno pretexto para o estabelecimento de um trabalho permanente, com objetivos que transcendem os aspectos festivos e folclóricos da arrojada promoção.

Há momentos em que padre Cândia, no afã de defender o seu rebanho, fala com ares de bom político: "Lajes vive em completo abandono. O Grupo Escolar Estadual não funciona, apesar de haver mais de cem crianças filhas de vaqueiros em idade escolar. Pedi um centro de artesanato de couro, e nada até agora. Tudo isto no sentido da melhoria as condições de vida do vaqueiro, que continua marginalizado, sem crédito, sem direitos, cada vez mais vítima do paternalismo e do assistencialismo".

O padre-vaqueiro, incisivo, não deixa por menos o fato de que o vaqueiro nordestino é alvo de exploração que vem de há muito, é secular, vivendo sob os grilhões de uma escravidão sócio-política em que o coronelismo é nota predominante. Mas ele continua firme, não desanima, e acredita mesmo que, aos poucos vai alcançando os objetivos a que se propôs nesse árduo trabalho de mudar toda uma mentalidade social, política e econômica, tendo em vista unicamente a defesa dos direitos humanos, para ele, intelualmente violados nos dias atuais.

Mas o padre João Cândia não é só a figura austera na defesa dos humildes, dos injustiçados. Ele realça, também, a sua personalidade, como uma figura altamente comunicativa, dinâmica, de palavra fácil e de gestos de cavaleiro. Tanto faz estar cuidando de um problema estritamente religioso como sentar à mesa de um bar para tomar uma cerveja com amigos. Só que não bebe em copo, prefere a boca da garrafa. E explica: para não ser envenenado. Os falsos amigos estão por aí... Como vaqueiro, não fica por menos. Geralmente frequenta as vaquejadas da Região, destacando-se como exímio puxador-de-mourão, da mesma forma que enfrenta a caatinga, à procura da rês desgarrada, ou em tempo de festa de pega do gado no mato.

Como idealizador e coordenador da Missa do Vaqueiro, desde o início, padre Cândia era, visivelmente, o mais preocupado, na sexta-feira que antecedeu a realização da VII Missa. Tudo porque, pela primeira vez, entregou a coordenação à Empetur e, segundo afirmou, foi um fracasso total o trabalho daquele órgão estadual de turismo. Quer inclusive o afastamento da Empetur, a fim de que a Missa retome sua originalidade.

Pelo que vem fazendo e como vem fazendo em favor dos vaqueiros nordestinos, padre João Cândia destaca-se como verdadeiro ídolo, para eles, dando um colorido todo especial às festas do gado em todo o Nordeste.

Uma ótica estrangeira

Uma jornalista francesa, Joëlle von Baudissin, diplomada em Sociologia, fazendo viagem de observação cultural pelas principais cidades brasileiras, tomou conhecimento, no Rio de Janeiro, da Missa do Vaqueiro. Não teve dúvida. Partiu em seguida para o Recife e, após viajar cerca de dez horas pela BR-232 a PE-507, chegou, cheia de curiosidade, com sua máquina de fotografar, e ficou logo deslumbrada com a paisagem, a figura simples do vaqueiro, o gado, enfim, todo o ambiente onde se desenrola a Missa do Vaqueiro.

Coincidentemente com a opinião do padre João Cândia, a visitante francesa acha que o turismo e o aspecto comercial davam ser contidos de forma a não absorverem o espírito original da Missa, a poesia e ingenuidade dos vaqueiros. Este, um dos pontos que Joëlle enfatizará nos seus artigos para revistas francesas e alemãs, que certamente vão se interessar pelos seus manuscritos sobre o acontecimento.

VISÃO

Concorda, ainda, com o padre Cândia, quanto a Missa ser, além do aspecto estritamente religioso, um gesto que visa conscientizar os vaqueiros, no que concerne serem pessoas humanas com direitos, não devendo permanecer no esquecimento, injustiçados, sem qualquer perspectiva da valorização do seu trabalho. Certamente que esse aspecto social, reivindicado pelo idealizador e coordenador da Missa, calharia com a visão de Joëlle, na condição de socióloga.

Ela fez outra anotação importante com relação ao Nordeste: "Observei a vida cultural, o folclore de outros Estados, como São Paulo, Bahia, Rio de Janeiro. Mas foi no Nordeste onde verifiquei que as tradições continuam mais vivas, mais arraigadas no espírito do povo. Aqui (falando no Recife), há menos influência estrangeira na cultura do povo, ao contrário do Sul, principalmente em São Paulo e Rio Grande do Sul, onde se observa maior influência de outros povos."



A missa em prosa e verso



Foi a partir da Missa do Vaqueiro que nasceu a idéia de se dedicar o 3.º domingo de julho — data da celebração — como Dia Nacional do Vaqueiro. No início da cerimônia, padre João Cândia explica:

“Hoje é o Dia Nacional do Vaqueiro. Este homem bravo que vive no anonimato. A sua imagem reflete a bravura do nordestino sertanejo que se joga caatinga adentro, a fim de trazer a rês bravia para o curral. O seu trabalho, longe de ser uma escravização, tem o sentido da libertação evangélica trazida pelo Cristo, o Bom Vaqueiro, que dá a sua vida pelo seu rebanho. Motivo pelo qual, o Dia Nacional do Vaqueiro nasceu aqui, onde um vaqueiro foi assassinado há 23 anos atrás, e aqui tem a sua celebração máxima, com a louvação àquele Bom Vaqueiro, o Cristo Senhor, que continua vivo no sertanejo, que comunga de seus anseios, que o acompanha nas suas lutas, na vaqueirice e que entende as suas precisões, no plano humano, político, social e religioso”.

“JESUS SERTANEJO”

Neste momento entra em cena Luiz Gonzaga, que toca e canta, do compositor Janduhy Finizola, esta bela composição, sob o título “Jesus Sertanejo”:

Jesus, meu Jesus sertanejo/presença maior, minha crença/nestas terras sem ninguém/silêncio na serra, nos campos/desencanto que a gente tem/e o vento sopra ressoa/ai sequeidão que traz desolação/ Ô Jesus razão/ tão sertanejo/que entende até de precisão/De Sol vou sofrer ou morrer/e as pedras resplandem a dureza/a



pobreza deste chão. João, um menino, um destino/Ai nordestino de arribação/Cenário de dor, de calvário/ai muda a face desta provação. Do céu há de vir solução/na terra, a semente agoniza/preconiza solidão/e a tarde que arde acompanha/ai, tanta sanha de maldição/aqui vou ficar, vou rezar/ai, vou amar a minha geração.

Em seguida, o padre proclama: “O vaqueiro é convidado a participar. Mas há rutura dentro de nós e com os outros. Há uma realidade que, comumente, chamamos de pecado. A Bíblia Sagrada usa diversos termos: iniquidade, rebelião, injustiça, opressão, dívida ou ofensa. Para descobriremos isto dentro de nós, é preciso ouvir a Palavra de Deus, sintonizar com ele. Msa há empecilhos em cada um de nós. Boicotamos, quase sempre, a voz da consciência que brada forte dentro de nós. Pecamos ao Senhor das misericórdias tenha piedade de nós.

Em cena o Quinteto Violado, que executa de Finizola, a composição “Glória”: Glória a Deus nas alturas/Sou vaqueiro, sou homem da terra/Sou gente de Deus/Entre pedras e espinhos/Os caminhos do gado/O meu pão/Proteja Deus o Homem, a terra/E a criação. O gado magro e a seca/A nossa provação/Sertão pelado esturricado encandeado/Onde o forte aboia a sorte/No seu canto de lutar/Lá na caatinga yinga/A minha profissão/Derrubo o gado/E me derruba a precisão/Sertão pelado, esturricado/encandeado/Onde o forte aboia a sorte/No seu canto de lutar/Glória a Deus nas alturas/Glória a Deus nas alturas/Vaquejando por campos/Sem campo pra ter ilusão/Deus lá no céu/Me dê saúde e proteção/Não deixe o mundo/Destruir minha razão/Lá nas alturas/Glória a Deus, mas que amargura/Ter gibão, chapéu de couro/E minha casa não ter chão./Glória a Deus nas alturas/Sou vaqueiro sou homem da terra/Sou gente de Deus”.

DIREITOS HUMANOS

Retoma a palavra o celebrante da Missa, e faz esta oração: “Senhor Jesus, nosso Bom Vaqueiro, ouvi as nossas preces. Abençoi-nos. Fazei-nos entender que somos pessoas humanas, criadas à Vossa imagem e semelhança. Apesar da humildade do nosso trabalho, queremos vos louvar, aqui, elevando para Vós o nosso grito de justiça. Hoje os direitos humanos são violados e desrespeitados. Somos obrigados a calar diante da desordem social que aí está. Não temos voz e nem vez. Vós também, Senhor, sofrestes estas mesmas coisas e até piores. Mas queremos ser vossos discípulos. Dai-nos coragem, força e deste-

mor para enfrentar todas as dificuldades e ameaças por que vamos passar. Isto nós vos pedimos por Nosso Senhor Jesus Cristo que vive e reina pelos séculos. Amém”.

“CREDO”

Ouve-se a seguir a composição, também de Finizola, intitulada “Credo”: Creio em Deus Pai/pai tão generoso/pai tão generoso/caridoso Pai/creio na minha gente/na terra e na semente/no amor que a gente sente/no amor que a gente dá./Creio, creio/na luz da madrugada/nas chuvas, trovoadas/no céu bonito a prometer/creio, creio/no passado da boaida/que em meio a caminhada/descansa em meu viver./ Creio na esperança/nas minhas lembranças/vaqueiro e criança/o tempo a passar/creio na paisagem/dê pobre pastagem/que ensina coragem/ e como esperar./ Creio na partida/amanecida/nos campos a vida/a terra a chamar/creio nas enchentes/nos rios valentes/que faz do presente/sertão se alegrar”.

OFERTÓRIO

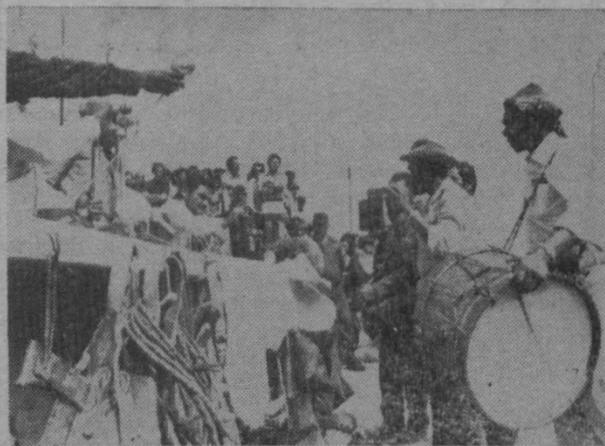
Agora, uma das passagens mais emocionantes da Missa. É o ofertório. Cada vaqueiro, montado sobre seu cavalo sobe por uma rampa que demanda ao altar e frente a este, faz sua oferenda, geralmente peças de couro, arreios utilizados no próprio trabalho. Antes, porém, o celebrante comenta: “O vaqueiro é um homem disponível, generoso. Tudo o que ele faz, o faz de boa vontade. Não espera receber nada em troca. Tem as mãos de pobre. Por isso, suas mãos são as que mais se abrem para tudo dar. Eis o sentido do ofertório que os vaqueiros farão agora”.

Durante o ofertório, um vaqueiro, ao lado do celebrante, improvisa versos de aboio, sobre cada peça ofertada. Em cena, agora, os zabumbeiros quando o padre explica: “A religiosidade do vaqueiro, como em geral, do nosso povo, tem múltiplas manifestações pelos zabumbeiros, como que delegados pela comunidade, para apresentar ao Deus a sua Louvação. Neste momento, os zabumbeiros vão fazer a louvação do altar”.

Ouve-se, do poema de Finizola “Rezas de Sol”, a parte dedicada ao ofertório: “Eu te ofereço o meu gibão/chapéu de couro e oração/nossa união e decisão/nossa melhor disposição/minha surrada montaria/onde nela todo o dia/eu me escancho e vou do rancho/me encontrar com a luz do dia/Meu Senhor meu verdadeiro /Deus do Céu e do mundo inteiro/que me escuta e que me espia/que me guia e me vigia/eu te ofereço até meu berço/este mundão de tabuleiro/Eu te ofereço os meus tropeços/minhas raras alegrias/os meus arreios, os meus paleios/sobre a seca e a valentia/a rês do pasto que perdia/numa boquinha de noite/ninguém sabe como pode/se perder da minha vida. Ofereço as injustiças/que são feitas ao vaqueiro/minha sina que me ensina/correr solto na caatinga/eu te ofereço até meu ganho/do tamanho de um argueiro./Todos presentes nesta hora/estão lembrados de Raimundo/por estas terras e estas serras/dedicou amor profundo/mas, o destino foi ferino/desalmado, fez finado/quem em vida era o maior/vaqueiro deste mundo/nosso pranto de saudade/nossa grande amizade/Raimundo Jacó morreu/que tristeza aconteceu/nosso perdão pra quem mandou/Raimundo para Eternidade”.

Depois da Oração dos Fiéis, em que as palavras centram sempre o vaqueiro, virtudes e dificuldades, o celebrante faz este veemente comentário:

“O vaqueiro está sujeito a muitos golpes mortais, pancadas, quedas, estrepes, correndo nos carrascais, cair e quebrar o pescoço, tem sucedido demais. A certeza de que é conduzido pela mão da Providência Divina, enfrenta os mais árduos trabalhos, até de noite, a fim de cumprir sua missão. Para ele, não há hora de trabalho. Onde o seu dever se faz necessário, ele aí está. Tanto faz ser de dia, como de noite, no calor como no frio, no estio como na chuva. O importante mesmo é o cumprimento da sua missão, geralmente mal remunerado, sem assistência médico-dentária, sem nem sequer ter a esperança de uma velhice feliz. Apesar de todas as incertezas, eles têm a certeza de que são irmãos. O que toca para um toca para



todos. Nisto reconhecem a Deus como o Pai Bondoso e misericordioso que os acompanha e os abençoa.

COMUNHAO

Vem agora a comunhão. Passagem das mais emocionantes, com os vaqueiros, sob suas luvas de couro, levando a hóstia à boca, com profundo respeito, compenetração e crença. O celebrante faz, então, este comentário:

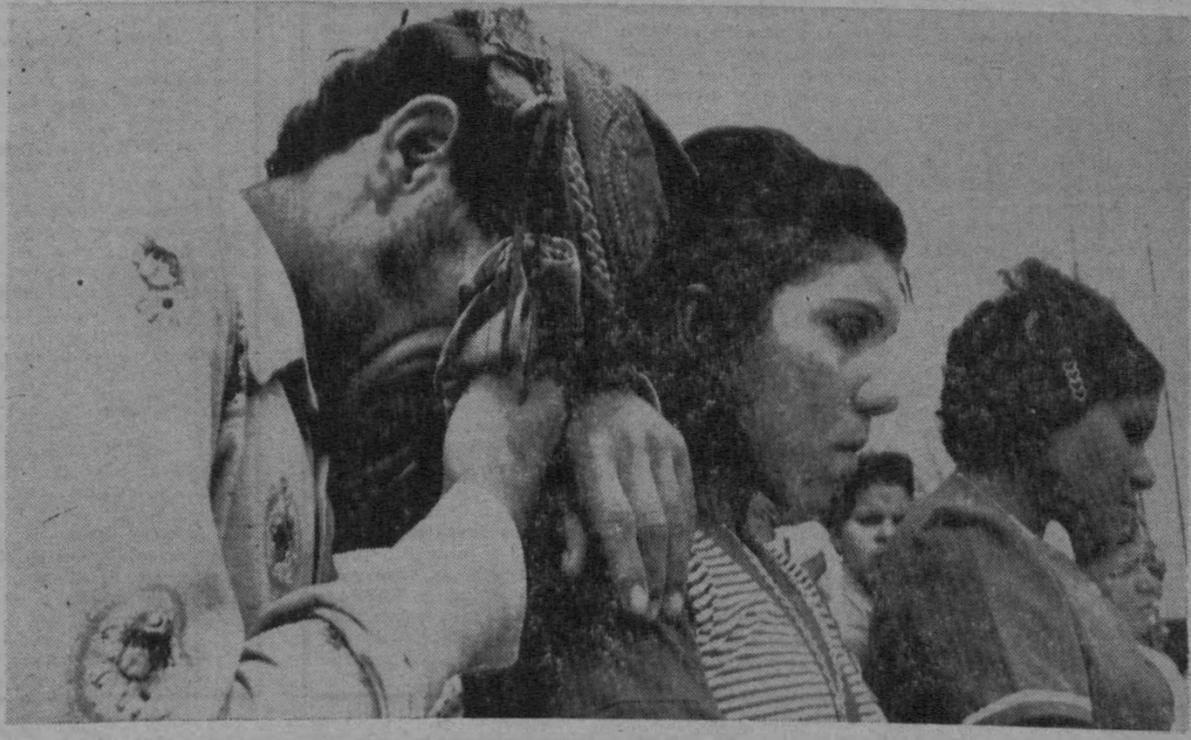
“Vaqueiro, homem solidário. Não pensa só em si, tem profundo sentido do outro. No seu trabalho, sempre gosta de andar com os companheiros. Comem do mesmo pão. Seu alforge sempre leva mantimentos para mais um. Através da comida, quando tanta gente na humanidade passa fome ou sonega ajudar o seu irmão a libertar-se da fome, o vaqueiro vive a experiência fraterna de repartir o pão comum com os seus semelhantes. Por isso, demonstram na sua atitude, apeando-se dos seus cavalos e repartindo a sua comida com os outros”.

A Comunhão, em versos, de Janduhy Finizola:

Eu tenho o sol, a terra/o tempo, o vento, até tormento/sofrimento e dor/eu tenho o mundo que encandeia das areias sem nascentes, quentes/ vivas de calor./Eu quero João e devoção/sertão, Maria e a família/destes meus irmãos/todos comugam para Raimundo Jacó/irmão vaqueiro/morto sem explicação./ Aqui no fundo da caatinga tem/missa e oração/vaqueiro, Deus e o sertão estão, em tempo de comunhão/ devoção, união, o perdão/é pra Raimundo Jacó/nossa comunhão./Nem bem a barra vem quebrando/aboioando e pelejando/no trabalho estou/aqui no coice da boiada/ esta vida estrupiada/dá-me força e destemor./Eu quero Deus que me alimenta/e que me faz tá na pobreza/ sem dizer um não/queru também ser um vaqueiro/ das caatingas o primeiro/a chegar pra comunhão. Quero abraçar e comungar/participar e ser palavra e lavra/do sertão./Dar um aboio de tristeza/que o mundo e a natureza/vejam a minha solidão/o pão Divino vem na missa/e o alforge do vaqueiro/o pão da terra está/tem carne assada, de farinha/vida dura com rapadura/vida dura pra contar.

Os vaqueiros apeam de seus cavalos, retiram comida, à base de carne de sol, rapadura e bolacha, dos seus alorges, e a distribuem entre si e com o público. É chegado o momento final da cerimônia, assim visto por Janduhy Finizola, “Canto de Despedida”:

Sertão rezou na Santa Missa/Rezas de Sol/pra terra ser bem servida/Sertão falou com Jesus Cristo/e a fala se fez mensagem/e imagem tão repetida/Sertão de plantio/plantaram sem chuva o vazio/a terra, eu vou regar de oração/a garrancheira, a poeira/a morte no chão/o fim que chega na seca/fecunda a fé que domina/enquanto a missa termina/de longe em longe um chocalho/num mundo cinza a tocar./Toca pro vaqueiro/toca o mundo inteiro/afinado num aboio vem suavizar/este meu parceiro/mundo companheiro/ irmão de esperança e de pelejar”.



CANGAÇO NORDESTINO ESTÁ VIVO: PARA PESQUISADORES

O Cangaço Nordestino continua despertando interesse aos estudiosos e pesquisadores, notadamente nos domínios da Literatura de Cordel. Não só brasileiros, como também cientistas sociais de outros países têm invocado o tema. É o caso da jovem pesquisadora Marianne Louis Wieserbron, da Holanda, que se encontra no Brasil como bolsista do Ministério das Relações Exteriores.



Marianne Louis Wieserbron

LUIZ RODRIGUES LIRA

As Bravuras de Antonio Silvino e um Casamento Tragico



Preço: Cr\$ 2,50

Ela escolheu um dos principais personagens do Cangaço Nordestino — Antonio Silvino — para suas pesquisas e posterior elaboração de Tese de Doutorado em Letras, pela Universidade de Sorbonne, Paris. Mês passado, Marianne esteve vasculhando os arquivos do Departamento de Extensão Cultural da Universidade Federal de Pernambuco, onde colheu farto material sobre Antonio Silvino, da coleção sobre Literatura de Cordel.

A pesquisadora holandesa utilizou também outros arquivos, como o do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, além de ter se deslocaado a várias

regiões do interior nordestino, nas quais há registros importantes do Ciclo do Cangaço, principalmente relacionados com a landária figura de Antonio Silvino. Viajou inclusive para o interior de Pernambuco — Afogados da Ingazeira — onde o pai de Antonio Silvino foi assassinado.

INTERESSE

Foi a partir de peças teatrais, em que autores como Ariano Suassuna, Luis Marinho, entre outros, enfatizam aspectos ligados ao Ciclo do Cangaço Nordestino, que Marianne Louis Wieserbron começou a interes-

sar-se pelo tema, nascendo daí a idéia de pesquisar a vida de Antonio Silvino, aproveitando inclusive sugestões nesse sentido do seu Professor e orientador Raymond Cantel, da Sorbonne, ele que é um especialista em Literatura de Cordel.

Interessam no seu trabalho os diversos aspectos atribuídos à personalidade de Antonio Silvino, explorados pelo poeta popular, repórter de jornal, bem como pela curiosidade popular. A partir desses ângulos, Marianne elaborará uma biografia do famoso cangaceiro, já alvo de outros estudos por parte de autores brasileiros que estudam o tema.

Subdesenvolvimento e biblioteconomia

ILA RODRIGUES DOS SANTOS

Os aspectos negativos do subdesenvolvimento, refletem-se, também, como é natural, em instituições como as Bibliotecas.

Fred W. Riggs, autor do livro "Administração nos Países em Desenvolvimento", analisa, em um de seus capítulos, todo o complexo de dificuldades que atingem as referidas instituições.

É a desorganização; o aspecto burocrático, no sentido pejorativo de "papeliário"; o empreguismo como justificativa para o atendimento de sobrecargas de serviços; a ineficiência; o amontoado de documentos, que se tornam, assim, de difícil localização; a pobreza de recursos financeiros; a carência na produção de documentos oficiais e a apatia por parte do público; tudo isso que caracteriza o que o autor denomina de "sala", por não poder conceituá-la, por essas razões, de repartição.

Assim, Riggs procura estabelecer roteiros e conselhos para os bibliotecários dos países pobres ou de sociedades primitivas, como ela classifica as sociedades intermediárias entre as mais atrasadas e as de maior nível de progresso.

Nos países ricos é grande o número de usuários nas bibliotecas, que têm o seu público e são pressionadas para atender a constantes necessidades e preferências.

Nos países pobres onde, geralmente, predomina o analfabetismo e as chamadas explosões demográficas, existe acentuado desinteresse pela consulta de livros, revistas, documentos, etc.

Dessa maneira, é preciso que os bibliotecários se animem do espírito de iniciativa e se preparem efetivamente para suprir ou superar deficiências.

Devem lutar por conseguir recursos financeiros, para manter atualizadas as suas bibliotecas, que serão tanto mais eficientes quanto maior for a documentação de que dispõem.

Precisam propugnar que os documentos oficiais sejam bem feitos porque "bons documentos provocam vivo interesse, vivo interesse estimula a produção de melhores documentos, tornando-se importante para o público".

Necessitam realizar uma cuidadosa observação de referências e necessidades dos clien-

tes, para uma segura política de aquisição e seleção.

Em país pobre, não se pode pensar que uma biblioteca deve fazer todas as aquisições.

Dessa forma, é conveniente organizar um sistema de trocas, com índices de referência que mostrem onde cada publicação se encontra. Um serviço, assim, de empréstimos entre bibliotecas, juntamente com um serviço de relacionamento de usuários, implica numa organização bastante eficaz na previsão e no atendimento das necessidades do público.

Devem, por último, os bibliotecários procurar processos mais econômicos de catalogação, a exemplo de cartões perfurados, reprodução de documentos valiosos e uso conjunto de microfílmagens, não somente colocando tudo à disposição do público, mas imaginando e inventando processos capazes de despertar a sua curiosidade e interesse pela leitura e o conhecimento.

E tudo isso, na exata compreensão de que a biblioteca é, sobretudo, um valioso instrumento de prestação de serviço.

Imagem e som, o registro certo

Um mergulho em profundidade, quase psicanalítico, pelo retrocesso dos fatos de infância à maturidade, para os trazer à tona, um depoimento ao vivo, de uma vida e de uma época, tudo gravado — som e imagem — assim age o MISP (Museu da Imagem e do Som de Pernambuco) com seu entrevistado.

Fundado em maio de 1965 o MISP já possui um acervo considerável de valiosíssimos depoimentos. Para dar uma idéia citamos alguns dos que foram entrevistados, a começar pelo mais recente, o poeta Mauro Mota, na precisa data dos vinte e cinco anos da publicação de suas "Elegias". A entrevista durou perto de três horas, com uma abordagem abrangente e no seu depoimento o poeta — também escritor e geógrafo — Mauro Mota salientou que a poesia reflete a época e um dos motivos de sua permanência é a sua interligação com as inquietações de sua comunidade pois ela se dirige a leitores de todas as camadas sociais.

A voz e a imagem de escritores de alto gabarito, poetas de renome nacional assim como de homens do povo que se sobressaem pela criatividade em folgoedos populares. Possui também cópias de partituras musicais de clubes carnavalescos, discos sobre músicas regionais, cartazes, quadros e literatura de cordel. Recortes de jornais sobre teatro, cinema e folclore.

Acervo do MISP

É muito rico o acervo do MISP, para dar uma idéia salientamos os depoimentos já colhidos, entre muitos outros, de Gilberto Freyre, de Lula Cardoso Ayres, de Alberto Cavalcanti, de Waldemar de Oliveira, do pintor Manuel Aranda, de João Cabral de Melo Neto, de Waldemar Valente, de Cícero Dias, de Nelson Ferreira, de Edgar Múrais, de José Rozenblit, de Epaminondas Medonça, dos Irmãos Valença.

Capiba, Luis Gonzaga, Jaime Gris, Arl Severo e Almeri Esteves, são outros que já presta-

ram seus depoimentos. De Hermilo Borba Filho possui uma entrevista que o teatrólogo prestara à TV e foi por esta doada ao MISP. Possui também a voz de Cláudio Wanderley, gravação feita do espetáculo de Nova Jerusalém.

Mercadamente popular temos imagem e som do Velho Barroso, de Luis de França, do Mercatão Leão Coroado, do Prof. Trindá, de Dona Moça do Bloco Rebeides do Inferno, do artesão Vavá dos Cajus, de Curibó, cangaceiro de Lampião.

O MISP possui ainda imagem e som de abobos, de violões, de maracatus, de "acorda povo" e do coral de Olinda. Filmes de longa metragem com imagens do carnaval de Recife e de Olinda. Filmm também o MISP a missa do Vaqueiro, os pastores de ponta de rua. Tem todo um acervo e documentário em imagem e som e encenações como o da chegada de Lampião no Inferno, realizada em Nova Jerusalém. Alguns filmes como "O chofer e a Beleza do Mundo", "Escrupulos Rústicos", "Férias em Garanhuns", "Adão foi feito de barro", "Viva a Vila", "Porto de Dois Irmãos" e "Caboclo Pedra Preta", "Frevo, Capoeira e Passo", "Percussão no Mercado", de Fernando Monteiro e "Terra Livre", fazem parte do acervo do MISP.

Recentemente filmou "Homenagem a Dona Santa", realizada pelos maracatus à memória da "rainha" inesquecível.

Os dispositivos se acumulam, os filmes aumentam cada dia, dando o que pensar ao diretor da Empatur, pois necessita de lugar apropriado para o Museu da Imagem e do Som que é, incontestavelmente uma das maiores riquezas dessa empresa de turismo.

Além do mais o MISP possui recortes de jornais sobre teatro, cinema e folclore. Brevemente ninguém poderá realizar pesquisas sobre recifenses e o nosso Estado, sem recorrer aos subsídios que um museu deste porte pode prestar.